

# John Milton em Portugal

## Os Poemas Vertidos por José Amaro da Silva em 1819

Jorge Bastos da Silva







**Título**  
John Milton em Portugal.  
Os Poemas Vertidos por  
José Amaro da Silva em 1819

**Design**  
Diana Vila Pouca

**ISBN**  
978-989-746-370-9

**Autor**  
Jorge Bastos da Silva

**Coordenação Editorial**  
Isabel Pacheco,  
U.Porto Press

**Revisão**  
Maria José Cunha

**Coleção Transversal**  
N.º 22

1.ª Edição, Porto,  
Dezembro 2023  
© U.Porto Press  
Universidade do Porto  
Praça Gomes Teixeira,  
4099-002 Porto

<http://up.pt/press>  
[editup@reit.up.pt](mailto:editup@reit.up.pt)

**DOI**  
<https://doi.org/10.21747/9789897463709/joh>

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através  
da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.,  
no âmbito do projeto Ref.ª UIDB/04097/2020 – CETAPS.



John Milton  
em Portugal  
Os Poemas Vertidos  
por José Amaro da Silva  
em 1819

Jorge Bastos da Silva

Coleção Transversal



# Índice

Apresentação	9
<i>Obras de Milton, traduzidas pelo Padre José Amaro da Silva (1819)</i>	25
Apêndice: Respigar anglo-português do <i>Compendio Historico, e Universal</i> e do <i>Diccionario Philosophico da Religiao</i>	59
Obras citadas	69



# Apresentação

1. A abundância de traduções disponíveis da obra de um determinado autor constitui um indício do alcance da respetiva divulgação junto de um público que se supõe predisposto à sua leitura, ao abrigo de motivações que, num caso como o de John Milton, podem estender-se da mera curiosidade e da fruição estético-imaginativa à apetência pela doutrinação moral e ao fervor devoto. No aquilatar do potencial impacto da obra, ao número de versões – e à(s) sua(s) qualidade(s) – juntam-se o lastro e a particular feitura de uma tradição de aparato crítico concebido para consagrar e modular a poesia miltoniana pelo realce dos seus atributos tidos por sublimes e de recorte universal.<sup>1</sup> Talvez surpreenda os leitores do nosso tempo, mas é um facto da historiografia das relações entre a cultura literária portuguesa e as Letras estrangeiras que, no longo período que levou a desaguar o Classicismo para dar lugar a uma dominante de matrizes românticas, a obra de Milton granjeou consideração canónica muito superior, por exemplo, à de William Shakespeare.

Evidenciam-no com clareza os dados externos. Versões de *Paradise Lost* e *Paradise Regained*, assinadas por José Amaro da Silva, vieram a lume em 1789, sendo reeditadas em 1830 com o aparato crítico, que era ambicioso, aligeirado. O mesmo tradutor fez surgir em 1819 uma coletânea onde incluiu “Lycidas”, “L’Allegro”, “Il Penseroso” e “On the Morning of Christ’s Nativity”. De *Paradise Lost* foi publicada uma segunda versão por Francisco Bento Maria Targini em 1823, em Paris (sucintamente analisada em Silva, 2014, e com o “Prologo do Traductor” reproduzido em Silva, 2015, pp. 107-116). O poema épico maior foi de novo traduzido por António José de Lima Leitão, em 1840, em trabalho que teria reedições em 1884 e 1938, enriquecidas ambas com as notáveis gravuras de Gustave Doré e sujeitas a trabalho de revisão por parte de Xavier da Cunha; e foi ainda traduzido por João Félix Pereira, entre 1868 e 1870, na rubrica de

<sup>1</sup> Podendo denotar várias orientações de leitura, a presença de um forte aparato crítico é em si mesma uma marca de distinção da poesia miltoniana no horizonte da literatura britânica, como recorda Gordon Campbell: “The 1695 edition of *Paradise Lost* included learned annotations by ‘P.H.’ (probably Patrick Hume), and so Milton’s epic became the first English poem to be edited as if it were a classical text” (Campbell, 2004, p. 347).

folhetim do periódico lisboeta *A Nação*, que deu ao público duas versões do poema, uma em prosa e outra em hendecassílabos.<sup>2</sup>

A dramaturgia de Shakespeare, por seu turno, tardou a ser objeto de atenção similar, como tivemos oportunidade de referir em estudo anterior (cf. Silva, 2005, pp. 11-18). Ressalvada uma tradução de *Othello* feita por Simão de Melo Brandão no último quartel do século XVIII e deixada em manuscrito, só em 1842 surgiu a “imitação” (também de *Othello*) de José Maria da Silva Leal *O Intrigante de Veneza*, seguindo-se, em 1856, a versão livre *Othello, ou o Mouro de Veneza*, da responsabilidade de Luís Augusto Rebelo da Silva. Foi apenas a partir da década de 1870 que se registou um avultar de traduções. António Feliciano de Castilho publicou *Sonho d’uma Noite de S. João* em 1874. D. Luís de Bragança publicou *Hamlet* em 1877, *O Mercador de Veneza* em 1879, *Ricardo III* em 1880 e *Othello, o Mouro de Veneza* em 1885. Pela mesma altura, Raimundo António de Bulhão Pato assinou um *Hamlet*, em 1879, e *O Mercador de Veneza*, em 1881. Atentas as datas, dir-se-ia que a estrela de Shakespeare se ergue neste firmamento quando declina a luz do épico puritano.

Por outro lado, importa verificar que, até às versões de *Othello* e *Hamlet* devidas a José António de Freitas, de 1882 e 1887 respetivamente, e até em muitas edições posteriores, a shakespeareana portuguesa se apresenta com aparato crítico inexistente ou negligenciável.<sup>3</sup> A poesia de Milton, pelo contrário, usufrui de muito palpável empenho da parte de tradutores e editores – duas condições que em algumas circunstâncias, aliás, se confundem – apostados em guarnecer o texto de ensaios valorativos, apontamentos biográficos, comentários interpretativos e encomiásticos, e bem assim de ilustrações que lhe conferem mesmo um fausto reforçado.

A consequência desta disparidade de fortunas precisa certamente de ser compreendida com maior profundidade, através de uma análise substantiva das versões, do seu confronto com outras traduções da época (pensamos na difusão de autores de temática cristã como Chateaubriand e Lamennais) e da perscrutação das modalidades de influência que sobre a escrita original poderá ter exercido o legado miltoniano, em conjuntura de paulatina revisão dos padrões de gosto e de expansão de leituras para além dos limites dos universos greco-latino e românicos de há muito prevaletentes na cultura de chegada.

<sup>2</sup> Em contraste com as traduções anteriores, que nesse ponto chegam a ser paroxísticas, as versões alternativas de João Félix Pereira carecem de aparato crítico. Curiosamente, *A Nação. Jornal Religioso e Politico* é uma publicação devota, alinhada com a Igreja Católica, e politicamente conservadora, com laivos, mesmo, de nostalgia miguelista – decerto um lugar pouco óbvio para depositar a obra de um poeta puritano conotado com o Interregno republicano de meados de Seiscentos.

<sup>3</sup> João Almeida Flor (2009) chama a atenção para o significado dos paratextos das versões de José António de Freitas.



PARAISO  
PERDIDO,  
POEMA HERÓICO  
DE J. MILTON;

TRADUZIDO EM VULGAR

PELO PADRE

JOSÉ AMARO DA SILVA,

*Presbitero Vimaranense.*

COM O PARAISO RESTAURADO, Poema do mesmo  
Author; NOTAS Historicas, Mythologicas,  
&c. de M. Racine; e as OBSERVAÇÕES de  
M. Addison sobre o Paraíso Perdido.

T O M O I.

L I S B O A,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

I 7 8 9.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral  
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Rosto do Volume I das traduções de *Paradise Lost*  
e *Paradise Regained* por José Amaro da Silva (1789).

2. No centro do presente volume encontra-se a figura de José Amaro da Silva, primeiro tradutor português da obra de Milton, de cuja vida e formação pouco se conhece. Não foi ainda possível apurar as datas do seu nascimento e da sua morte. Seria natural de Guimarães, e sacerdote. Traduziu *Der Tod Abels*, de Salomon Geßner (*A Morte de Abel*, 1785), fazendo uso de uma versão francesa, o que denota que não dominaria o alemão – nem o recurso à intermediação de França o deslustrava gravemente no panorama português e europeu da época. A obra foi reeditada em 1818. Em 1817, José Amaro da Silva deu à estampa um *Compendio Historico, e Universal de Todas as Sciencias, e Artes* e ainda em 1819-20 a sua versão do *Dictionnaire philosophique de la religion (Diccionario Philosophico da Religião)* do Abade Claude-François Nonnotte. Reservamos para um apêndice uma série de notas acerca destas duas obras, numa perspetiva anglo-portuguesa e com o fito de melhor traçar o perfil intelectual e ideológico de José Amaro da Silva.

José Amaro da Silva é um tradutor, se não silencioso, discreto. Os seus volumes do *Paraíso Perdido* e do *Paraíso Restaurado* vêm encimados por um prólogo do editor, Francisco Rolland, que se reclama do mérito de “mandar traduzir o célebre, e douto Poema de JOAO MILTON, intitulado o *Paraíso Perdido*, com muitas Notas Historicas, Mythologicas, e Geograficas, e as Observações de Mr. Addison; como tambem o *Paraíso Restaurado*, outro Poema do mesmo Author” (Milton, 1789, I, p. ii). Não se inibe Rolland de asseverar que concorreu ele próprio “para que a Traducção fosse fiel, e tudo ajudasse ao asseio, e bondade da Obra”, e de tomar a seu cargo a apologia da obra e do autor:

O crédito de MILTON, e a belleza do seu Poema, as expressões energicas, e sublimes, com que se adorna, he bem conhecido de todos os Sábios. Nelle se encontra a Moral pura, e a mesma Religião. O conhecimento do que he o homem, os attributos da Divindade, o peccado, e as desordens da vida humana, a eterna Bemaventurança, pulaõ aos olhos de todos neste Poema; de maneira que nelle se acha de mistura o deleite com o util. (*ibidem*, pp. ii-iii)

De modo especial, Rolland (escrevendo, curiosamente, no ano da Revolução Francesa e pertencendo a uma família de impressores-livreiros oriundos do Delfinado) preocupa-se em sublinhar que o entendimento da obra de Milton como obra *moral* não deve ser prejudicado pelo envolvimento do poeta nas questões políticas da sua época:

Bem póde qualquer ser bom Poeta, e máo Politico; bom Politico, e máo Poeta. He certo que tudo devia ajudar, e concorrer para a perfeita composiçãõ do Homem; mas nem todos pódem tudo. Em MILTON he desculpavel o querer pairar com hum Tyranno, de quem talvez proviesse a sua felicidade; o genio da Naçaõ, as circunstancias do tempo, assanhado por infames guerras civis, o ser dotado de hum genio agudo, e insinuador, o ser procurado pelos Partidistas, tudo isto o obrigou a moldar-se ao capricho de homens revoltosos, desobedientes, e esquecidos do Direito Natural, e das Gentes, e até dos principios da Religiaõ, para dobrar ao seu partido o resto dos mais homens com escritos amotinadores, e contrarios á devida, e imprescriptivel obediencia, que os Póvos devem, tanto por temor, como por consciencia, ter aos seus legitimos Soberanos, ainda que tyrannos sejaõ. (*ibidem*, pp. iv-v)

Não haverá, pois, que ler a poesia de Milton a medo, uma vez que nela nada se encontra que seja oposto à virtude.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Sobre as dinâmicas concernentes à despolitização e à repolitização da personalidade e do pensamento de Milton, que, nomeadamente, se empenharam em resgatá-lo do estigma de partidário de um regime tido por ditatorial e regicida, encontram-se alguns apontamentos num nosso artigo que toma como ponto cardinal uma tradução portuguesa de *Areopagitica* surgida em 1810 no periódico londrino *O Correio Braziliense* (cf. Silva, 2019). Noutro lugar, ainda, deixámos sugerido que os dois primeiros tradutores portugueses dos *Paraísos*, Silva e Targini, personificariam o altar e o trono (cf. Silva, 2018, p. 45, n. 4). Mesmo no contexto britânico, o século de Setecentos teve muito presente o problema do radicalismo de Milton e da sua necessária moderação por meio de uma memória histórica seletiva e modulativa, que permitia encarnar o autor puritano-republicano como um “patriota”, isto é, como um defensor desinteressado e incorrupto dos interesses nacionais. A resolução desse problema passou, em larga medida, pela bifurcação do legado de Milton entre poesia épica e lírica, de um lado, e prosa (política), de outro (cf. Worden, 2002, pp. 187-189). Tais vetores de canonização literária refletem-se num passo do prólogo de Targini ao seu *Paraíso Perdido*: “Que se reputava como crime de Lesa-Magestade ler-se, ou elogiar-se qualquer obra deste grande Escripitor em quanto vivo, e nos primeiros annos seguintes ao de 1674, em que morreo. E que somente depois de finalizar o seculo decimo setimo foi que Mylord Atterbury, e Addison mostraram ao mundo scientifico ser Milton o Principe dos Poetas Britannicos; applaudindo então a Magna Albion, e as sociedades mais sabias e cultas do Universo as bellezas e maravilhas das composiçoens do Vate cego da Gran-Bretanha, abraçando a verdade das demonstraçoens, e doutrinas d’aquelles dous conspicuos expositores” (Milton, 1823, I, pp. xvi-xvii).

É interessante notar que no prefácio do volume de poemas vertidos por Pierre de Mareuil, ao qual nos reportaremos adiante, o trecho de *Paradise Lost* é aferido – de balde – pelas teses do Concílio de Trento, dizendo o autor francês que de há muito não há em Inglaterra escrúpulos de maior no domínio da religião (cf. Milton, 1730, pp. x-xii).

Se a edição rollandiana subordina e cala o tradutor, na versão da obra de Geßner tinha José Amaro da Silva chamado a si a iniciativa da tradução, frisando, num prefácio, ser o autor “hum dos Poetas mais famigerados, que até o presente tem apparecido na Alemanha, no Cantaõ de Zurich”, e ser a obra reconhecida pela sua “utilidade” (Gesnér, 1785, pp. [xiii-xiv]). Assim, esclarece:

O objecto do dito poema não contem outra couza mais, que a morte de Abel, que he o mais notavel acontecimento da historia Sagrada, depois da quéda dos nossos primeiros Pays, daqual elle he a consequencia, e o effeito. O Poeta tem tido a arte de augmentar ainda o interesse delle pelo modo mais vivo, e tocante, com que elle governa as diversas paixoens, e pelos agrados, e verdade, que elle mete nas suas pinturas, quando descreve os costumes dos primeiros homens, que tem havido na terra. (*ibidem*, p. [xiii])

A narrativa de *Der Tod Abels* (espécie de epopeia em prosa, mau grado se lhe chamar aqui “poema”) retoma personagens e episódios colhidos no Livro do Génesis, Adão e Eva, Caim e Abel, o motivo da tentação pelo demónio, a expulsão do transgressor. As afinidades temáticas com a matéria tratada em *Paradise Lost* são, pois, evidentes, o que sugere uma continuidade de interesses relacionável com os votos sacerdotais do tradutor, nada parecendo obstar a confissão protestante de ambos os autores vertidos.

Acresce que o prefácio apostado a *A Morte de Abel* oferece reparos atinentes aos critérios de fluidez e naturalidade que devem presidir a uma boa tradução, combinados com princípios de compensação interna dos efeitos expressivos atenuados ou menos conseguidos. Não ocultando a intermediação constituída pela versão de Michel (ou Michael) Huber,<sup>5</sup> discorre José Amaro da Silva do seguinte modo:

O Auctor da traducção Franceza, naturalmente discreto, seguiu em muitas partes, termos taõ subidos, e proprios da sua lingua, que ao pé da letra não era possivel traduzillos.

<sup>5</sup> Aliás, como assinalou Fernanda Gil Costa, de um levantamento das traduções das obras do autor suíço resulta que “não há um único caso em que se possa afirmar que exista tradução directa do texto-fonte e a língua intermediária é quase exclusivamente o francês” (Costa, 1995, p. 186).

Por cuja cauza procurei em varias partes sem mudar a sustancia, explicar o mesmo, que aquelles termos dizem, principalmente seguindo nisto a boa opiniaõ, que assenta serem as traducçoens forçadas, quazi sempre asperas, e de pouco gosto para a sua liçaõ. Foi-me preciso em alguns lugares enfraquecer as imagens; escolhendo o dezignio de expressoens menos energicas. Eu tenho buscado sómente livrar estas ligeiras alteraçoes por algumas recompensas, de modo que a somma das bellezas fosse pouco mais ou menos a mesma nas duas linguas. (*ibidem*, p. [xv])

José Amaro da Silva declara humildemente “ter ficado muitas vezes debaixo da belleza do seu original; ou seria eu o primeiro traductor a quem isso não tenha acontecido” (*ibidem*, pp. [xv-xvi]). Confiando-se, nestes termos, à benevolência do leitor, enuncia assim também algumas pistas que podem relevar para uma apreciação do tratamento que veio a dispensar à poesia de Milton.<sup>6</sup>

**3.** O pequeno volume de *Obras de Milton* publicado em Lisboa pela Tipografia Rollandiana em 1819 é uma espécie bibliográfica de extrema raridade. A PORBASE não regista nenhuma existência nas bibliotecas portuguesas, nem o volume consta dos catálogos do Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, da Biblioteca Britânica, da Biblioteca do Congresso... A despeito do seu valor histórico, a obra tem sido descuidada, decerto por ser de tão invulgar aparecimento. Um estudioso apenas, o Professor Fernando de Mello Moser, sobre ela se debruçou, num estudo breve mas de grande valia (publicado no Volume XXII das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras*, de 1981-82), reportando-se a um exemplar que se encontrava na biblioteca do British Council, em Lisboa, mas cujo paradeiro é agora desconhecido (cf. Moser, 1994). Para glosarmos Walter Benjamin, podemos dizer do livrinho de José Amaro da Silva que, dimanando embora da reproduzibilidade industrial da escrita na era da técnica, possui quase a aura que é própria da condição única do manuscrito. Uma edição facsimilar destas *Obras de Milton* tem, portanto, inteira justificação.

Fernando de Mello Moser faz a descrição sumária da miltoniana de José Amaro da Silva e deixa assentes alguns dados fundamentais. Tendo realizado o

<sup>6</sup> Tanto o texto de Rolland como este texto de José Amaro da Silva se encontram reproduzidos na nossa antologia de textos portugueses sobre tradução situáveis nos períodos do Classicismo e do Romantismo (vd. Silva, 2015, pp. 65-69).

cotejo de edições francesas, elucida que José Amaro da Silva tinha conhecimento dos trabalhos de diversos tradutores, sendo o do padre jesuíta Pierre de Mareuil o que lhe serviu de base para estas *Obras de Milton*. Assinala que foi “induzido em erro pelo título dado na versão francesa”, “Il Pensero”, que o tradutor português verteu o título de “Il Penseroso” do modo que abaixo se constata. E, passando da indagação bibliográfica para a avaliação qualitativa das versões de José Amaro da Silva, recusa outorgar-lhes pendão de mérito estético-literário, tendo-as em conta de prosa por demais “altissonante, despida de fulgor e cadência poética” (pp. 340-342), opinião da qual achamos difícil discordar.

4. Tendo vertido *Paradise Lost* e *Paradise Regained* no ano da tomada da Bastilha, e tendo-os enquadrado mediante um aparato erudito copioso, equiparável às práticas que presidiam à edição dos autores da Antiguidade e que confere a esses volumes, nomeadamente, o estatuto de peças incontornáveis num futuro estudo da penetração da crítica literária britânica em Portugal, na recolha de 1819 José Amaro da Silva oferece uma seleção de quatro poemas que podemos designar como os *maiores poemas menores* do cânone miltoniano.

Trata-se, e pela mesma ordem, das quatro composições incluídas por Pierre de Mareuil em *Le Paradis Reconquis. Traduit de l'Anglois, de Milton, avec quelques autres pieces de poesies*, coletânea de versões em prosa publicada na Haia em 1730 (cf. Milton, 1730, pp. 227-273).<sup>7</sup> Como concluiu Fernando de Mello Moser, foi tanto para os quatro poemas de *Obras de Milton* como para o seu *Paraíso Restaurado* que o tradutor português recorreu às versões de Mareuil (cf. Moser, 1994, p. 340).

Por este prisma, os métodos de trabalho de José Amaro da Silva não destoam do contexto luso coetâneo, que era marcadamente galocêntrico. Rolland, como vários outros editores e livreiros importantes da época, tinha origens francesas (são sintomáticos nomes como Aillaud, Bertrand, Bonnardel, Borel, Guibert, Moré...). É de Louis Racine que José Amaro da Silva professa retirar um conjunto de notas para as suas versões de Milton (o que coloca a cultura literária francesa em posição de autoridade, ainda que Fernando de Mello Moser denuncie

<sup>7</sup> Temos notícia da existência de uma edição parisiense do mesmo ano (“Chez Cailleau ..., Brunet Fils ..., Bordelet ..., Henry ...”), que não nos foi possível consultar. Há registo de um exemplar na Biblioteca Nacional da Nova Zelândia, dessa espécie que deve ser rara. A obra, porém, teve algumas reedições nas décadas seguintes.

Conscientemente ou não, Mareuil inverte a ordem cronológica e coloca no fim o poema mais antigo, porventura contando extrair do tema um efeito culminar – ou querendo fechar o círculo aberto com *Paradise Regained*.

nada ter sido transposto da tentativa raciniana, assim desmistificando aquela pretensão de José Amaro; cf. Moser, 1994, pp. 339-340). Targini publica em Paris a sua tradução de *Paradise Lost*. Lima Leitão estudou Medicina na mesma cidade e, como José Amaro da Silva, recorreu a fontes francesas. Acresce, finalmente, e para não nos alongarmos, que o facto de se encontrar apenso a uma tradução de *Paradise Lost* o *Essai sur la Littérature Anglaise* de Chateaubriand, de 1836, que não deixava de ser familiar a alguns leitores portugueses, poderá ter informado significativamente a interpretação que entre nós vingou da poesia miltónica e a percepção do lugar cimeiro que, no conspecto da literatura inglesa, lhe cabia ocupar por direito próprio. O *Essai* era do conhecimento de Xavier da Cunha, por exemplo, que o refere no texto “Duas Palavras ácerca do Poeta”, aposto à tradução de *Paradise Lost* de Lima Leitão que, segundo diz, se encarregou de rever, ampliar e anotar (cf. Milton, 1884, p. XVI).

5. “Lycidas” é uma elegia pastoril escrita em memória do jovem Edward King, após a sua morte num naufrágio no Mar da Irlanda. Milton terá composto o poema alusivo ao seu contemporâneo em Cambridge por finais de 1637, tendo em vista contribuir para um volume coletivo com o título *Justa Edouardo King*, publicado no ano seguinte. “Lycidas” é a celebração de um poeta – até certo ponto, haurida na *Écloga V* de Virgílio, o grande modelo do género, valendo, todavia, realçar que nos encontramos, neste caso como nos restantes, perante notáveis demonstrações da capacidade que tinha a inventiva miltoniana de caldear e refundir elementos de fontes muito diversas, fossem antigas ou modernas, mormente italianas. Confrontando o leitor com o sentimento de perda intensamente dramatizado pelo sujeito lírico, o poema tem como seu sentido último, pode dizer-se, a justificação dos desígnios de Deus aos homens, como anunciava a proposição de *Paradise Lost*.

O fino entretecer da mitologia clássica com a mundividência cristã dissipa-se na versão de José Amaro da Silva, não por inépcia do tradutor, mas porque um preceito de decoro sacrifica a síntese dessas tradições culturais. Como explica uma nota na página 9, Pã substitui S. Pedro no poema. Cumpre dizer que esta opção tem como consequência um enfraquecimento da textura alusiva da monódia e uma diluição do seu argumento. O final, com as prévias tonalidades de melancolia e desespero a dar lugar à compreensão e à esperança, apresenta, no conceito original de Milton, Lycidas exaltado e sublimado, a garantir a salvação dos que correm perigo no mar. A omissão do nexos estabelecido entre a Arcádia e a redenção prometida pelo Cristianismo retira ao poema muita da

sua presumível pregnância espiritual para o mundo moderno; ao mesmo tempo, esbate as conexões temáticas que fazem convergir “Lycidas” com *Paradise Regained* e “On the Morning of Christ’s Nativity”.

Terá sobrelevado ali um entendimento demasiado estreito da conveniência dos sentidos do texto. É um daqueles passos que denotam – se outros sinais não houvesse – até que ponto o trabalho de José Amaro da Silva é dependente do de Pierre de Mareuil. Pois a versão dada nas *Obras de Milton* corresponde naquele ponto, e rigorosamente, à versão do jesuíta francês, tal como lhe corresponde na totalidade das notas. Aliás, José Amaro da Silva segue também as pisadas daquele mediador quando, no trecho derradeiro do poema, a páginas 12-13, se arroga um aperfeiçoamento do original. A oportunidade surge de uma confusão de “swain” por “swan” (tomamos por referência a lição dos poemas em Milton, 1992). É a primeira palavra que Milton efetivamente emprega – e aquela que faz sentido; mas Mareuil, que ou a não conhecia, ou se munuiu de um texto corrompido, impugna por “outrée” a ideia de “un Cygne novice” (Milton, 1730, p. 242n.). José Amaro da Silva deixa-se envolver no equívoco do tradutor francês, referindo-se a “hum Cisne, noviço na arte de cantar”, e esse equívoco dita a reintrodução do nome do pastor Thyrsis no remate do poema.

De resto, a redução de verso a prosa associa-se à perda – já em Mareuil – da extraordinária variedade dos efeitos prosódicos conseguidos por Milton, sendo porventura de reconhecer, contudo, que a viva notação da natureza não deixaria de revestir-se de interesse para os leitores portugueses dos alvares do Romantismo.

**6.** O díptico formado por “L’Allegro” e “Il Penseroso” entronca na tradição dos caracteres que tem a obra de Teofrasto como grande ponto de referência. Milton escreveu os poemas, provavelmente, em 1631 e 1632. Ambos exibem uma vincada qualidade dramática, dialogal, acentuada pela sua justaposição. Milton assegura a coesão do conjunto por meio de paralelismos, ora consonantes, ora contrastantes.

“L’Allegro” é um exorcismo da soturnidade, um poema de aurora com tonalidades geórgicas, que implica uma convocação da mitologia antiga, mas sobretudo uma contemplação prazerosa da natureza e da própria cidade como realidades que contribuem para uma existência jubilosa e serena, entre os mais humildes assim como nos ambientes sociais mais elevados, derivando para um exalçamento do teatro inglês nas pessoas de Ben Jonson e William Shakespeare. José Amaro da Silva dá aos seus leitores uma versão muito chegada à de Mareuil,



transpondo inclusivamente as suas notas explicativas, como fará ainda no caso de “Il Penseroso”. É justo reconhecer que Mareuil preserva os movimentos do poema miltoniano, porém como que o classicizando um pouco mais, pois não só retém as referências a Córion e Tírsis como inscreve outras, do mesmo timbre, quais são Clóris e Amarílis (cf. Milton, 1730, p. 251). O texto de José Amaro da Silva é igualmente percorrido por essas figuras da convenção pastoril, a páginas 17-18. Ainda que se mantenha o elogio dos dramaturgos ingleses no trecho final do poema, a elisão da referência a “fairy Mab”, que se encontra no verso 102 do original, subtrai um elemento de casticismo que enraizava o poema no imaginário folclórico nacional e que, aliás, se coadunava com a alusão a Jonson e a Shakespeare, pois da mitografia de Mab fazem parte *A Particular Entertainment ... at Althorp*, do primeiro, e *Romeo and Juliet*, do segundo (como é assinalado por Manuel Frias Martins em Milton, 1987, pp. 60-61). Na cadeia de transmissão do poema deparamo-nos, ao invés, com formulações genéricas: “Les sorciers, les fées, les lutins”, escreve Mareuil (Milton, 1730, p. 251); “Os feiticeiros, as fadas, e os Duendes”, lê-se na página 18 do volume português. Os tradutores francês e português abdicam assim de um certo efeito de concretude e radicação cultural, que abarca também a figura de Puck ou Robin Goodfellow, o “goblin” citado por Milton no verso 105.

Face ao luminoso “L’Allegro”, “Il Penseroso” é o poema da sua inversão simétrica. O sujeito lírico afasta de si os prazeres ilusórios e vãos, em nome de uma seriedade ostensivamente lúgubre, saturnina, encarnada pela deusa Melancolia. Longe de delinear uma atitude anômica ou derrotista, no entanto, o poema explora as ambivalências do apelo da noite, da solidão, do recolhimento em silêncio, das paragens infernais, de figuras históricas associadas à violência – e do teatro trágico, em vez da comédia referida em “L’Allegro” –, para desenhar um caminho de ascese que conduz ao saber. O poema monta, portanto, numa declaração de esperança. Jogando com a teoria psicofisiológica dos humores, Milton indica a melancolia – a bílis negra – como a via necessária para a apreensão de verdades que transcendem o real empírico, humano e imanente, a via mais autêntica da espiritualidade.

O Padre Mareuil e, no seu enalço, José Amaro da Silva dão de “Il Penseroso” versões que podemos considerar leais, ainda que ligeiramente abreviadas por prescindirem de certos detalhes e pouco fiéis no registo por padecerem de certa sobrecarga oratória – e ainda a despeito da desadequação dos títulos “Il Pensero” e “O Pensamento”, já detetada por Fernando de Mello Moser, plausivelmente um caso em que uma falha tipográfica na edição intermédia se plasmou num erro de tradução no volume português.

7. A ode “On the Morning of Christ’s Nativity” foi composta pelo Natal de 1629. No cerne do texto encontra-se a problemática da encarnação. Uma vez mais, pode ser discernido o influxo de diversas leituras, de entre elas destacando-se a Écloga IV de Virgílio, de há muito sujeita a cooptação por parte da cultura do Cristianismo. A tradução suprime as quatro estrofes do prelúdio, conservando apenas o hino.

Há uma delicadeza no original de Milton que José Amaro da Silva não preserva – porque, como sabemos, está a traduzir Mareuil e não o poeta inglês, e essa delicadeza também não foi alcançada por Mareuil. É mantido o recurso miltoniano à prosopopeia, que, com a entrada do Inverno, da Paz, do Sol, da Natureza e do Fado, prova ser um dos dispositivos caracterizadores do poema enquanto encenação visualmente cativante do episódio do nascimento de Jesus. Porém, a opção pela prosa faz obviamente perder as harmonias de uma estrofe que Milton terá afeiçoado, se não mesmo concebido para a fatura do seu hino. Essa perda não surpreende, por ser inevitável a partir daquela opção formal de fundo. O mesmo não se poderá dizer de outras escolhas, que pendem para fraseados mais abruptos. Isso verifica-se na própria abertura do poema. Milton escreve:

It was the winter wild  
While the Heav’n-born child  
All meanly wrapped in the rude manger lies;

Em “Sur la Feste de Noël”, Mareuil não parece hesitar em dar desde logo um título de glória ao menino: “L’Emmanuel paroît sur la terre” (Milton, 1730, p. 268). José Amaro da Silva quase não poderia tê-lo seguido mais de perto: “Manoel aparece sobre a terra!” (página 29).<sup>8</sup> É uma escolha vocabular quase litúrgica. Pouca brandura, de modo semelhante, acusa a referência aos pastores, que na estrofe VIII são introduzidos por Milton com grande singeleza:

The shepherds on the lawn,  
Or ere the point of dawn,  
Sat simply chatting in a rustic row;

A versão de Mareuil é destituída de candura, antes prima pela aspereza: “Troupe simple & grossiere, Bergers de Bethleem” (Milton, 1730, pp. 270-271). “Tropa simples, e grosseira, Pastores de Belem”, traduz à letra José Amaro da Silva (página 30).

<sup>8</sup> O mesmo noutro passo, com débil correspondência ao original (cf. Milton, 1730, p. 271; e página 31 do fac-símile *infra*).

Também uma inflexão se divisa quando, na estrofe V, “the Prince of Light” passa a “le Désiré des nations” (Milton, 1730, p. 270) e, em conformidade, com José Amaro da Silva, a “o Desejado das Nações” (página 30). Temeria o tradutor francês que o Príncipe da Luz fosse aqui confundido com Lúcifer? Já lhe percebemos cautela talvez excessiva quando, em “Lycidas”, mencionou Pã no lugar de S. Pedro. O certo é que em “Sur la Feste de Noël” se constata idêntico procedimento, em passo que corresponde à estrofe VIII do poema de Milton. Aí, a expressão “the mighty Pan” é convertida em “la venuë du Pasteur suprême” (Milton, 1730, p. 271) – e José Amaro da Silva canta a “vinda do Pastor Supremo” (página 31).

Sobretudo, é de assinalar que a versão de Mareuil reduz drasticamente o poema original, fazendo uma compressão das estrofes XII a XXVI para a partir delas compor o penúltimo parágrafo – no que José Amaro da Silva o segue escrupulosamente, como é habitual. Isto significa que o jesuíta francês omite o longo trecho que se prende com a visão do Apocalipse e o derrube das deidades do paganismo. Em consequência, fica restringido o alcance cósmico e transtemporal da apoteose do divino celebrada no poema, que deste modo praticamente se limita ao domínio dos homens e à esfera da natureza. Também o último parágrafo pouco condiz com o teor da estância final de Milton, à parte a referência ao sono do menino. Dito de outro modo, antes de chegar a meio do poema Mareuil empreende um desvio muito sensível, e essa liberdade que se concede reflete-se fielmente no texto facultado ao leitor português, que por esse motivo se afasta do original miltoniano.

**8.** José Amaro da Silva permaneceu o único tradutor português da poesia de Milton até ao limiar da década de 1820. Como referimos acima, seguiu-se-lhe Francisco Bento Maria Targini, que, trabalhando diretamente sobre o texto original de *Paradise Lost*, sem prejuízo de mostrar conhecimento de versões em diferentes línguas, elaborou a primeira tradução em verso da epopeia miltoniana. À semelhança de José Amaro da Silva, rodeou o poema de um aparato crítico profuso; mas não desdenhou criticar implicitamente o predecessor, bem como certos congêneres de outros países, postulando, no prólogo, que “as vozes poeticas são assaz diferentes das prosaicas, mais sublimes, peregrinas e energicas; e o estilo do Pindo e do Parnaso hé mui diverso do da eloquencia do Portico e Areopago”. Compor em prosa não quadra, assim, com aquele que “emboca a Tuba Epica”:

Não preciso dizer que os traductores que o trasladaram em prosa, possuindo infelizmente a desagradavel arte de desfazer versos, não podiam melhor recommendar, e transmittir o merecimento, e sublimidade de tão grande Epopeia, e do seu autor, do que aquelle, que para mostrar o genio armonico, e gosto de Haydn, ou Mozart, tocasse fóra de compasso em hum orgão desaffinado as mais elevadas e originaes composiçoens d'aquelles mestres. (Milton, 1823, I, pp. xvii-xviii)

As observações de Targini indiciam um propósito consciente de superar o antecessor na empresa de verter a obra de Milton para o idioma português de acordo com critérios estético-literários mais satisfatórios. O ensejo de superação terá porventura participado nos tentames subseqüentes em que se envolveram Lima Leitão, Xavier da Cunha e João Félix Pereira – este último, até, autor de duas versões –, o que, a confirmar-se, conferiria interessantes contornos polémicos à história da tradução de Milton entre nós. É uma hipótese de trabalho que valerá a pena examinar.





OBRAS  
DE  
MILTON,

*TRADUZIDAS*

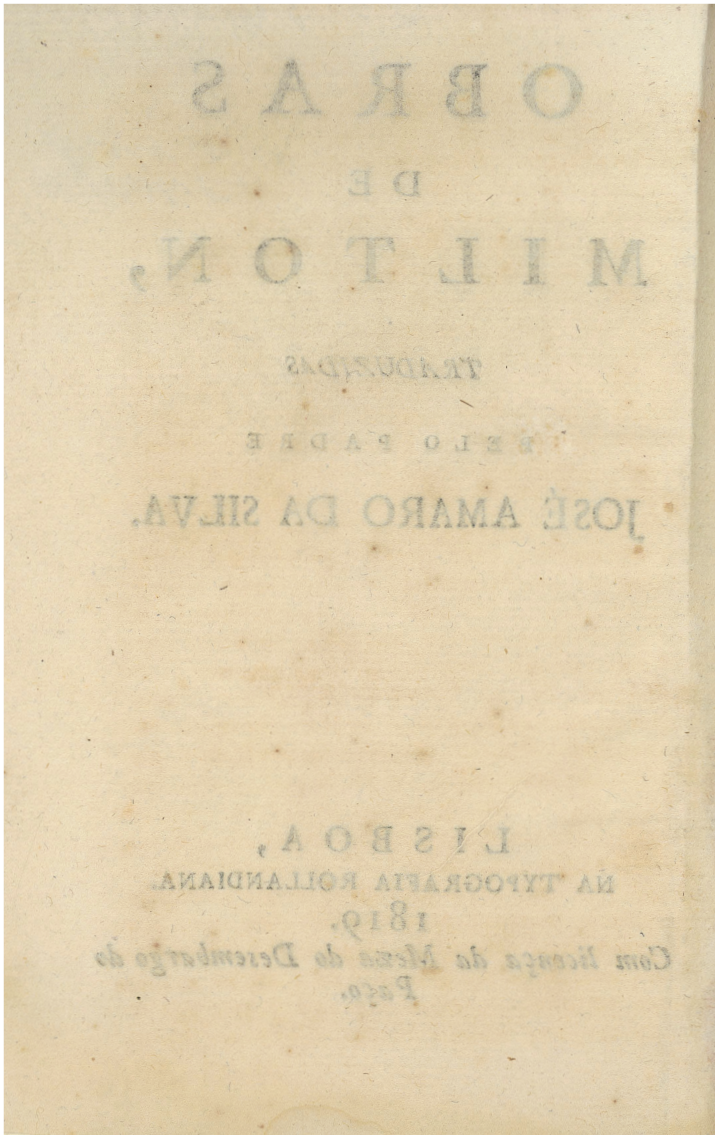
PELO PADRE

JOSÉ AMARO DA SILVA.

LISBOA,  
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1819.

*Com licença da Meza do Desembargo do  
Paço.*

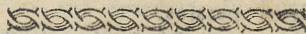






LYCIDAS,  
IDYLLIO  
DE  
MILTON,

SOBRE A MORTE DE HUM HOMEM DE LETRAS SEU AMIGO, QUE SE TINHA DESGRACADAMENTE AFOGADO PASSANDO DE GHESTER PARA IRLANDA.



**V**erdes loureiros, tenros myrtos, hieras vencedoras das geadas, soffrei (1) por hum pouco ainda, que eu colha os vossos fructos antes do tempo; pois a dôr que me opprime, não permite que eu espere pela sua madureza, e me reduz á triste necessidade de fazer violencia ás vossas

A 2 fo-

(1) Milton, debaixo do nome de Thyrsis, tinha já feito hum Idyllio Latino sobre a morte de Carlos Deodato, moço Italiano, Inglez de origem.

4

O B R A S

folhas ainda tenras, e delicadas. Ai de mim! Lycidas morreo cruelmente: tu no-lo tens roubado na mais bella flôr da sua idade. Lycidas morreo: e não nos tem ficado nada igual a este amavel Pastor. Póde alguém ser insensível a esta perda? Quem se póde recusar de cantar, e de louvar a Lycidas? Nós devemos todos este tributo á sua memoria. Elle mesmo soube a fineza da arte; e o bom gosto da musica parece ter nascido com elle. Seja testemunha a delicadeza das Canções, que elle nos tem deixado, e de que elle mesmo tem sido Auctor. Elle ordenou, e pôz em ordem a rima, como por si mesma, debaixo das leis da razão. Deixaremos nós andar fluctuando á vontade das aguas a esse Cantor tão completo, sem lhe procurarmos as honras da sepultura? Será o seu corpo a zombaria dos ventos, sem que nós choremos a sua morte? Choremos então: e exprima a harmonia dos nossos cantos funebres a vivacidade dos nossos pezares.

Começai, castas Irmãs do sagrado valle, sabias filhas de Jupiter: Começai, para que as doces harmonias dos vossos instrumentos se fação ouvir com mais força do que a ordinaria. Por mercê vos rogo, que vos não recuseis ao meu piedoso desejo. A tardança não he aqui agora de tempo. Ao menos alguma de entre vós faça honra a essa Urna, que eu destino para encerrar as cinzas deste illustre defunto, e á vista do panno funebre que eu lhe tenho preparado, ella se digne cantar hum Cantico de paz em honra, e favor deste amigo, que eu tenho perdido.

Querido Lycidas, nutridos sobre a mesma  
mon-



DE MILTON.

§

montanha, nós fazíamos apascentar o mesmo rebanho. Sempre juntos ao bordo das fontes, á sombra dos bosques, pelo longo dos regatos, nós fazíamos a felicidade hum' do outro. Desde o principio do dia até o cantar do gallo, nós conduziámos os nossos carneiros para a planicie, pelo orvalho da manhã, a fim de os engordar; e ali nos demoravamos até que apparecendo a estrella da tarde nos dêsse o sinal da retirada. Com tudo as Deidades campestres fazião ouvir as suas vozes, os Satyros dançavaõ ao som das charamelas, os Faunos corriaõ, para se unirem a elles, a fim de terem parte na sua alegria; as nossas frutas contribuião para o gosto commum, e o velho Damette tomava o prazer de ouvir as nossas Canções.

Mas, ai de mim! que triste mudança! Tu nos tens deixado, ó Lycidas, e nós te não tornaremos jámais a ver. Cruel separaçãõ! Os Pastores, os bosques, as grutas, e covas desertas, tudo geme na tua ausencia. Já Echo não repete senão os suspiros, que nos causa a tua perda. O Thymo selvagem séca de pezar; as cepas da vinha se dissolvem em choros; os salgueiros se arriuaõ de fraqueza, e as aveleiras dos nossos bosques, murchando-se deixaõ cahir as suas folhas sobre os seus tenros pimpolhos. Muito amavel Pastor, a nova da tua morte he para os ouvidos dos Pastores, o mesmo, que o dente matador da lagarta he para a rosa, e o que a geada he para as flôres nascentes, quando o espinheiro alvar começa a florecer. Não; os insectos venenosos, que levaõ a corrupçãõ ao seio dos nossos cordeiros novamente apartados do leite, quando se ensaião a pas-

O E R A S

pastar, não tem nada para elles mais fatal; como he para nós a amargura de que nos enche a narração da tua desgraça.

Nymphas, aonde estaveis vós, quando as ondas engulirão a Lycidas, as delicias dos nossos Cantões, e que os vossos abysmos cubrirão essa cabeça tão querida? Sem dúvida, vós não estaveis occupadas em vos abater sobre os rochedos da Ilha (2) Mona, antiga morada dos Druidas, Poetas antigamente famosos no Paiz, nem pelo longo do Deve, (3) esse Rio, cujo curso tem alguma cousa de encantador. Mas, em que penso eu? Ainda mesmo quando vós estivesseis com elle, a vossa presença lhe não seria de algum soccorro. De que servio a Orpheo ter huma Muza por mãe? Callyope pôde por ventura substrahillo ao furor das Bacchantes? Embaraçou ella, que seu filho, esse célebre Cantor de Thracia, a quem a natureza ainda sente, não fosse a victima da sua barbaridade, e que o Ebro não rolasse a sua cabeça até sobre as costas de Lesbos (4)?

He

---

(2) *Mona*, por outro nome Anglesey, Ilha celebrada entre a Irlanda, e Inglaterra, da qual ella está separada por hum pequeno estreito. Esta Ilha foi antigamente a morada dos Druidas, Bardos, ou Poetas, que fazião profissão de cantar os altos feitos dos homens grandes. *Mag. in Geng.*

(3) *O Deve*, por outro nome o Don, rio de Escossia, sobre o qual se acha situada a Cidade de Aberden, antigamente Capital do Reino.

(4) *Lesbos*, Ilha do Archipelago, famosa pelo

Tem-



He então lá aonde termina a profissão de Pastor? Oh, como nós somos loucos! Nós fazemos hum ponto de honra em cultivar huma Musica ingrata, que não tem para nós mais que huma indiferença desdenhosa, e que paga com hum orgulhoso desprezo todos os nossos cuidados! Não seria muito melhor gostar, como outros muitos, á sombra de huma faja, a doçura de hum descanso socegado, ou fatigar-se no seguimento de hum cabrito montez, que vindo a ser a preza do caçador, vem por isso mesmo a ser o doce preço das suas carreiras? Os mais grandes Reis achão divertimento em correr assim os bosques debaixo dos auspicios de Diana; e o prazer que dahi lhe vem, lhe faz esquecer todas as fadigas que lhe tem custado.

Porém o amor da gloria he o tormento, e a maior paixão dos nossos Pastores: elle mette em cadêas os cantores das nossas Campanhas; faz-lhe achar encantos occultos no seu proprio captivo; e como elle lhe causa as suas pennas, lhe perpetua tambem os rigores dellas. Lisongeados, ai de mim! do vão esplendor da esperanza, que nos recreia, no mesmo momento, em que nós pensamos em tomar o vôo sobre as azas da fama, huma Furia cega corta os fios dos nossos dias. Sim, ( replica Apollo, tocando-me a orelha )  
el-

---

Templo de Apollo. A ella foi que o Ebro, rio de Thracia, rolou a cabeça, e a Lyra de Orpheo, filho desse mesmo Deos.

3  
 O B R A S  
 ella corta o fio dos dias; mas sem fazer offensa á verdadeira gloria; porque a verdadeira gloria não he cá em baixo, e não consiste no brilhante exterior. He desgraçado aquelle, que se nutre dos applausos populares. Eleva-te acima da terra; e contando por nada os louvores dos homens, obra debaixo dos olhos do grande Jupiter, a quem cousa nenhuma escapa; pois o seu juizo decide o merecimento de cada acção, e o gráo de gloria com que ella deve ser recompensada

Fonte de Arethuza, que corres com tanta rapidez, (5) Mincio, que taõ docemente rolas as tuas aguas, vós não fostes insensiveis aos cantos com que Virgilio vos honrou; elles eraõ, com effeito, de hum gosto exquisito, e a harmonia da sua frauta parecia communicar-se ás cannas de que vós sois coroados. Para mim, com a ajuda do meu fragil reclamo, eu pergunto aos ventos, e ás ondas, para saber delles, que funesta aventura tem feito morrer a Lycidas, e que Deos he o que as tem sublevado contra elle. Quem o poderá crer? O mesmo Neptuno os justifica. Os ventos, me responde elle, estavaõ socegados, o mar estava unido, (6) Panope se divertia com suas  
 Ir-

---

(5) *Mincio*, rio da Marca Trevizana, que sahindo do Lago de Garda, forma outro pequeno lago, junto de Mantua, e por consequencia de Andes, patria de Virgilio.

(6) *Panope*, Nympha marinha, filha de Nereo, e de Doris.



DE MILTON.

Irmãs sobre a superfície das ondas, e nenhuns delles tem tido conhecimento dessa desgraça. Ah! barca, perfida barca, he preciso que tu tenhas sido construida durante algum (7) eclipse fatal, e que lançando-te á agua te tenhaõ carregado de maldições, pois que tu não tens recebido sobre o teu bordo ao meu amigo Lycidas, senão para o fazer morrer. Não, tu não tens ido ao fundo, e submergido esse illustre Pastor, que fazia a mais bella esperança dos rebanhos, e dos Pastores, senão porque estavas amaldiçoada do Céu.

Já (8) Pan sonhava em lhe confiar a flôr escolhida desses curraes. Felices curraes, se a Parca inimiga vos não tivesse invejado hum tal Senhor. O curral, e aprisco que o tinha possuido, não tinha tido nelle nenhum desses mercenarios, que não sollicitaõ a conducta dos rebanhos, senão para se engordarem elles mesmos á propria custa das suas ovelhas. Esses indignos Pastores não pensão senão em si, e a utilidade das suas ovelhas he o menor dos seus cuidados; porque apenas elles sabem manear o cajado, já fazem

---

(7) Milton fala aqui conforme as ideas da supersticiosa gentildade, que considerava os eclipses, como tantos presagios funestos, que ameaçavaõ os homens de alguma grande desgraça.

(8) Eu tenho substituido Pan, Deus dos Pastores, em lugar de S. Pedro, que Milton designa, para não confundir com elle o sagrado com o profano.

10 OBRAS  
 zem gloria de o trazer, depois de o terem rou-  
 bado a hum sabio Tytiro; e se alguma vez elles  
 tomaõ o prazer de embocar a charamela, as más  
 árias que elles ferem, fazem rir os Satyros, e  
 fugir o rouxinol. Com tudo o rebanho faminto, e  
 esfaimado fica com a cabeça levantada, e não se  
 alimenta senão de ar, cujos nevoeiros, muitas ve-  
 zes infectados, que respiraõ os seus carneiros,  
 lhe insinuaõ a corrupção até ás entranhas, e por  
 ellas lhe espalliaõ o contagio. Finalmente o lobo  
 á espreita aproveitando-se da indolencia do Pastor,  
 faz cada dia preza de algum miseravel cordeiro,  
 e a morte com a fouce na mão, assentada á por-  
 ta do curral, está sempre prompta para bater hu-  
 ma vez, por não bater mais.

Torna outra vez, ó Alpheo (9), a tomar  
 parte na minha dôr; torna, ó Musa de Sicilia,  
 a chorar comigo este amigo, que eu tenho per-  
 dido. Os Zephiros reinaõ nos vossos valles, os  
 vossos prados estaõ esmaltados de mil sortes de  
 flô-

(9) *Alpheo*, rio da Edilia, regiaõ da Morea,  
 que rola as suas aguas com tanta rapidez, que  
 atravessa o Golfo Adriatico, sem as misturar com  
 as do mar; e chegando á Ilha de Ortige, confun-  
 de as suas aguas com as da fonte de Arethusa,  
 diante de Syracusa em Sicilia. A antiguidade Pa-  
 gã deferio a hum, e ao outro as honras de Di-  
 vindade. Milton, á imitação de Virgilio, os in-  
 voca tambem a hum, e ao outro por causa de  
 Theocrito, Poeta Syracusano.



flôres, que os regatos entretem nas suas bellezas, e que a abelha pica sem cessar, para compor dellas o mel, de que ella enche os seus pequenos armazens. Fazei-me hum, e outro huma escolha dessas flôres; mas sobre tudo, não vos esqueçais daquellas, que parecem trazer alguns sinaes de luto. A primeira rosa temporã tem muito pouco colorido; o jacintho, bem que aveludado, tem não sei o que de sombrio na sua côr; a madre-silva sómente mostra côres fuscas; o jasmim teme deixar a sua pallidez; a primavera descórada tem a sua cabeça inclinada para a terra; a humilde violeta não tem nada de muito vivo; o cravo branco tem o ar modesto; o amor perfeito, extravagante nos seus ornamentos, e agalooado de preto, parece nascido para a melancolia. Todas estas especies são da estação do tempo, e conveni ás tristes conjunturas em que eu me acho. Em quanto ao amarantho, ordenai-lhe, que occulte o resplandor dos seus enfeites, e adverti as (10) *Asphodellas*, para que enchaõ os seus copos com suas lagrimas, em quanto eu cubro de loureiros o caixaõ de *Lycidas*. . . Ah! Eu buscõ interromper a minha dôr, fazendo desta sorte illusão a mim mesmo. Fraca consolação: ai de mim! que he o que nos ficou deste Pastor? O seu corpo

---

(10) *A Asphodella*, ou *Abrotea*, por outro nome *Pache real*, he huma planta, que os antigos semeavaõ sobre os tumulos dos mortos, a fim de que estes não tivessem nunca falta de alimentos.

terá talvez chegado a ser a preza de algum monstro marinho; ou andará fluctuando ainda á mercê das ondas, ou terá sido lançado sobre costas estrangeiras. Delphins, se he verdade que vós sois amigos do homem, deixai-vos enternecer dos tristes accents da minha voz, e tornai-me a trazer os preciosos restos de hum amigo, a quem eu tenho sempre amado como huma porção de mim mesmo. Pastores, enxugai as vossas lagrimas, porque Lycidas, o objecto dos vossos suspiros, ainda vive. Semelhante ao Astro do dia, que se não mergulha nas aguas do Oceano, senão para subir ao Céu, aonde elle brilha depois com mais esplendor, esse virtuoso Pastor, lá do fundo do abysmo que o tinha engulido, tem sido transportado ao Empyreo. A sua bella alma goza presentemente dessa morada da gloria, da qual a sua virtude o tem mettido de posse. Lá no seio da paz, cheio de huma torrente de delicias, ella ajunta a sua voz aos melodiosos concertos dos que participão da verdadeira sabedoria. Sim, a mesma sabedoria tem secado, e exaurido todos os seus choros. Pastores, não choremos já mais a Lycidas, pois o amor no-lo prohibe, e porque seria invejar! a sua felicidade. Ó Lycidas, feliz Lycidas, sede desde hoje por diante o genio tutelar dos rebanhos, e dos Pastores; porque nós vos respeitamos como hum novo Astro favoravel para os nossos curraes.

Desta sorte (11) exhalava Thyrsis a sua dôr,  
can-

---

(11) Milton, no lugar de Thyrsis, tem mettido



cantando aos carvalhos, e aos regatos; e os seus dedos fazendo cadencia sobre a sua frauta triste, della sahia hum ar dorico, para exprimir a violencia das suas tristezas, quando a Aurora principiando a chegar, misturou hum luar pállido ás sombras da noite. Logo depois foraõ as trévas dissipadas, e o Sol sahindo do Oceano, aonde parecia que se tinha mergulhado, restituiu aos bosques, e aos prados toda a belleza da sua verdura, e ao ar, todo o esplendor do azul Celeste, que faz toda a sua serenidade.

O

do a hum Cisne, noviço na arte de cantar, que faz de huma das suas azas huma frauta, correndo o bico por cima dos canudos grossos das suas pennas. Eu julguei, naõ destruir nada na sua obra, reformando-lhe esta idea, por me ter parecido excessiva, e assás muito pouco graciosa para admittir alguma reforma, sem fazer aggravado ao Auctor.

da ao mem dos Espectros, das seções  
 huios. Buda em outa parte for de mím. algum  
 totia pua reconvênna. For a para esse lura  
 tes inaccosíveis. For de dia, soude as luras  
 pdoma. For de. For de. For de. For de. For de.  
 ouzem outas. For de. For de. For de. For de. For de.  
 estra. no. For de. For de. For de. For de. For de.  
 incohepo. For de. For de. For de. For de. For de.  
 pte a sua. For de. For de. For de. For de. For de.  
 For de. For de. For de. For de. For de.  
 For de. For de. For de. For de. For de.

(1) O Deserto Cimmario era hum campo do

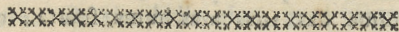
For-



# O ALEGRO DE MILTON.

TRADUZIDO

DO INGLEZ.



**L**onge daqui desgostosa melancolia, filha disforme do Cerbero, e da Noite: tu nasceste em huma cova lá do Stygio, aonde foste abandonada ao meio dos Espectros, dos soluços, e dos huivos. Busca em outra parte fóra de mim, algum retiro que te convenha. Foge lá para esses lugares inacessíveis á luz do dia, aonde as trévas põem á vista os seus horrores, e aonde se não ouvem outros cantos senão de aves nocturnas. Oculta-te no horroroso subterraneo de algum enorme rochedo tão horrivel como tu, e fixa para sempre a tua morada lá nesse deserto (1) Cimmerio.

Mas

---

(1) O Deserto Cimmerio era hum canto do Pon-



Mas vós, encantadora (2) Euphrosina, amavel habitadora do Céu, vinde para mim; vinde com as vossas duas irmãs, e com vossa mãe: a alegria vos acompanhe, e Baccho vos siga com a sua corôa de hera sobre a cabeça. Se nós damos credito a certo sabio, o tempo do vosso nascimento foi a Primavera. Vós viestes ao mundo sobre hum leito de violetas, e de rosas novamente abertas, e desdobradas. Á Aurora, e ao Zephyro seu Esposo, he que vós deveis a vossa vida.

De qualquer sorte que seja, apressai-vos, ó Nymphas graciosas. Os risos, os divertimentos, e todos os pequenos Deoses graciosos da Corte de Hebé, não podem deixar de vos fazer cortejo, e de lançar fóra todos os cuidados que se atreverem a encontrar a vossa passagem. Correi então conforme o vosso costume, com o pé ligeiro, e conduzi pela mão a doce liberdade, alegre Nympha das montanhas.

Se eu vos dou as honras que vos são devidas,

---

Ponto, muito proximo do Bosphoro. Elle foi assim chamado por causa do nome de alguns Scythas, que ali se tinhaõ estabelecido. Strabão nos assegura, que o Sol não luz ahí nunca, por causa da espessura dos muitos nevoeiros que ahí reinaõ: e dahi he que vem tambem o proverbio, *tenebræ Cimmeriæ*, para dizer espessas trevas. (1)

(2) Euphrosina, he huma das tres Graças. Este nome significa propriamente a satisfação do espirito, e a alegria do coração. (1)

das, dignai-vos admittir-me na vossa companhia, e fazer-me participante dos vossos innocentes prazeres; porque aquelles da Campanha tem sobre tudo grandes attractivos para mim. Eu gosto muito de ouvir cantar a cotovia muito de madrugada, subindo para o alto, e annunciar-me chegando-se ás nuvens, a proxima chegada da Aurora. Apenas a alva do dia apparece pelas frestas da minha camara, como para me saudar, ella me mette de algum modo o copo na mão, a fim de dissipar as negras fantasmas da noite. O gallo faz então ouvir a sua voz de clarim, e põe em fugida o crepusculo; depois animado da sua nobre altivez, elle marcha na frente de todo o volatil, e toma diante delle ares de grandeza. Muitas vezes tambem as pontas do veado tocaõ a despertar, desde o principio do dia, lá de cima de qualquer altura; as faias retinem de todos os lados, e a matilha dos cães de caça responde conforme o seu modo. Outras vezes eu subo sobre huma agradavel collina, e lá passeando sobre a relva, pelo longo de huma estacada ornada da sua verdura, tenho prazer de contemplar o Sol, no tempo em que se levanta, e admiro a grande variedade de côres que elle espalha sobre as nuvens. Logo eu vejo a hum lavrador, que dá as ultimas perfeições do seu trabalho aos campos, dos quaes elle não tinha ainda senão debuxado a cultura: logo eu ouço a voz de huma laboriosa

(3) Testile, que encanta a dureza, e a duraçã  
do

(3) *Testile*, he o nome de huma Pastora, de quem Virgilio faz menção nas suas Eglogas.



do seu trabalho com a melodia das suas canções. Aqui os segadores tomão alento aguçando o fio das suas fouces; acolá os Pastores assentados em hum valle contaõ huns aos outros as suas aventuras. Do outro lado huma vasta Paysagem offerece aos meus olhos successivamente mil novos objectos que me encantaõ; planicies immensas carregadas de espigas fluctuantes, preciosos dons de Ceres; terras incultas, e baldias, donde pastão errantes muitos rebanhos; montanhas estêreis, sobre cujos flancos as nuvens parece que descansaõ; hum dongo, e dilatado sequito de prados esmal-tados de margaritas, regados pelos ribeiros, entrecortados de canaes, cujas aguas espalhaõ por toda a parte a fecundidade. No meio de hum bos-que eu percebo hum castello, aonde talvez alguma belleza faz as delicias, e o tormento dos seus visinhos. Entre dous carvalhos antigos, Coridon, e Thyrsis assentados á sombra, recebem huma comida frugal, e moderada, preparada com pressa por alguma Galatea, a quem os trabalhos das colheitas opprimem, ou se a estação do tempo não tem chegado ainda, que corre depois com o forçado, e ensinho sobre os hombros, para ordenar o feno em molhos. Finalmente na campanha cada objecto tem seu agrado, e até os fumos das mesmas choupanas.

Porém nas grandes festas a alegria se dobra. Os nossos montanhezes convidaõ entaõ as aldeas circumvisinhas do Cantaõ, e o repique dos sinos chama os casaes em roda. Chloris, Egle, e Amarillis, preparadas com os seus enfeites campestres, dançaõ ao som das gaitas com Damette, Alphe-

E

bi-

bizeo , e Coridon. A mocidade se diverte com mil sortes de jogos , e a velhice desenrugada se esforça , e vem a fazer-se brincadora. Depois com o cotovello sobre a meza , e com o copo na mão , cada hum mistura aos antigos proverbios alguma palavra que cause riso. Estes gabaõ muito as proezas dos annos da sua mocidade , e aquelles publicão as tradições que tem recebido de seus avós. Os feiticeiros , as fadas , e os Duendes offerecem outras materias para a conversa , e a nobreza entra ahi tambem por alguma cousa. Finalmente chegando a noite se retiraõ todos , calaõ-se , e Morpheo não tarda em prodigalisar as suas dormideiras.

Os prazeres da Cidade tem tambem a sua volta , o seu giro , e o seu tempo , pois o tumulto que os acompanha , tem muitas vezes varias cousas que agrataõ. Que encantos não ha em ver os nossos illustres Cavalleiros , os nossos altivos Barões triumphar em vestidos de paz , nos circulos , e no meio das Damas , cujas graças , e favores , elles disputaõ entre si , e considerar com que ar de capacidade as nossas Duquezas , e nossas Marquezas decidem do animo , e do valor de cada hum , e com que imperio ellas daõ as leis a todos esses valentes campeões ?

Muitas vezes Hymenõ coroado de flôres com o véo amarello em huma mão , e a tocha nupcial na outra apparece com grande pompa. Por toda a parte por onde elle entra não se vem senão alegrias , bailes , festins , e mascaradas , conforme a pratica dos antigos. Ao menos os nossos Poetas modernos tem costume de ver esses bellos espectaculos nas suas loucuras , e obras poeticas.

Se



Se (4) *Jonhson* houver de representar, se (5) *Sakespear*, filho estimado do engenhoso capricho, houver de metter sobre as scenas alguma poesia comica de sua composiçãõ, e trabalho, tudo corre ao theatro, e tambem não ha nada mais efficaç contra os cuidados, do que são as peças deste ultimo. A sua poesia, digna da immortalidade, junta com a doçura da sua insinuante musica, penetra a alma, e a transporta, que tão graciosas, e ternas são as Arias Lydias. As vezes se liquidaõ de alguma sorte, exprimindo a delicadeza dos garganteios, e das inflexões, que elle traça sobre o papel, desembaraçando essas ligações finas, que são como a alma da harmonia. O mesmo Orphico, nos campos Elizeos, deitado sobre hum leito de flôres, não poderia deixar de levantar a cabeça, e dar ouvidos a huma melodia tão alegre, e tão digna de admiração. Sim, semelhantes cantos seriaõ capazes ainda de obrigar alguma vez ao inflexivel Plutaõ, para fazer entrega ao Cantor da Thracia da sua querida Euridice.

Amavel Euphrosina, procurai-me todas estas sortes de delicias, que eu serei todo vosso por todos os dias da minha vida.

B 2

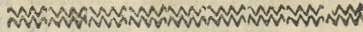
O

---

(4) *Jonhson*, famoso Actor do Theatro Inglez.  
 (5) *Sakespear*, Poeta dramatico, e hum dos ornamentos da Scena Ingleza.



O PENSAMENTO  
DE  
M I L T O N,  
T R A D U Z I D O  
D O I N G L E Z.



**A**partai-vos daqui frivolos prazeres , filhos incons-  
tantes da loucura , que vós tendes muito poucos  
encantos para mim ! Os vossos vãos divertimentos  
naõ pôdem satisfazer os desejos do meu coração.  
Eu vos deixo nessa multidão de espiritos ociosos,  
partidistas da perseguição , que procuraõ correr os  
seus dias em huma indolencia voluptuosa. Sábia,  
e doce melancolia , Deosa tutelar da solidão , a  
ti he que eu imploro, e a quem sómente eu me que-  
ro unir. As almas curvadas para a terra naõ co-  
nhecem a tua belleza , porque os seus fracos olhos  
naõ pôdem traspassar o véo obscuro , que lhe oc-  
culto o doce resplendor , com que brilha o teu  
semblante. O teu exterior , he verdade que tem  
alguma cousa de sombrio ; mas elle occulta mui-  
tas



tas graças, e encantos. Vem então, virtuosa filha de Saturno, por quanto Saturno he teu Pai, e a loura Vesta te deo á luz em hum bosque do monte Ida; vem para mim, para nunca jámais me deixares, mas sem nada mudares do teu character. Tu marchas sempre com hum passo igual, o espirito de meditação te segue por toda a parte, os teus olhos entretem commercio com o Ceo, e nas tuas vistas se lem os deliciosos transportes dessa bella alma, que não tem senão santas inclinações. Trazte contigo a paz, e o descanso socegado, a esperança, e a sobriedade, a fim de conversar melhor com os Deoses, e de ser algumas vezes admittida na sua meza. Feliz Deidade! Lá do fundo do teu retiro, tu ouves cantar as Musas á porfia em roda do Altar de Jupiter. Arrebatado então em contemplação, o teu espirito levado sobre as azas luminosas da Sabedoria, se eleva até o Throno do Ser Supremo; e de outra sorte fixando a tua vista sobre a terra, tu ficas immovel, e como absorta nas tuas proprias reflexões, no mesmo tempo em que o (1) Silencio, com o dedo sobre a boca, vigia á porta do teu

---

(1) *Silencio*, Divindade allegorica. Ella se representava debaixo da figura de hum bello moço com hum dedo sobre a boca. Tambem se chama Sigalion, que não he outra cousa do que o Philosopho Harpocrates. Os Egypcios o adoravaõ como o Deus do Silencio, e lhe erigiraõ huma Estatua no Templo de Isis, e de Osiris, porque o fun-

teu cubiculo , para afugentar dahi qualquer estrondo. Só o rouxinol he o que parece ter o privilegio de cantar , durante o socego da noite , e de fazer ouvir os melodiosos accents da sua voz queixosa , e triste para diminuir o horror della. Depois de tudo , se esta innocente Serêa dos bosques gargautea com tanta doçura as suas arias graciosas , quando (2) Cynthia lá do alto do seu carro guia os seus dragões pela planicie etherea, ella tem o cuidado de espalhar por ahi huma fraqueza melancolica , a fim de evitar a sua louca alegria.

Ama-

do da sua doutrina tendia a ensinar aos homens a calar-se. O seu Idolo tinha sobre a cabeça hum chapeo , symbolo da liberdade , que estava cuberto com huma pelle de lobo , semeada de olhos , e de orelhas , para significar , que o Sabio vê tudo , ouve tudo , e fala pouco , no mesmo tempo que elle tem a liberdade de falar. O pecegueiro lhe era consagrado , por causa de que as suas folhas são feitas em fórma de lingua.

(2) *Cynthia* , he a mesma cousa que *Phebo* , isto he, *Diana* , Irmã de *Apollo* , que se chama tambem *Cynthius* , do monte *Cyntho* , da *Ilha de Delos* , aonde nascerao *Apollo* , e *Diana*. Esta , debaixo do nome *Phebe* , designa a *Lua* , assim como aquelle debaixo do nome *Phebus* designa o *Sol*. O carro de *Diana* era arrastado , logo por duas corsas , e logo por dous dragões alados , conforme as funções que se lhe faziao no *Céo* ,

50-



Amavel (3) Philomella, oh quanto gosto de ouvir as Canções, com que tu, sobre a tarde, fazes retinir os bosques! Eu não te deixo senão para passear em algum lugar separado, sobre alguma relva agradável, donde contemple o curso da Lua, que se eleva, e se chega ao mais alto meridiano, fluctuando como ao acaso nessa materia subtil, e sem deixar atraz de si vestigio algum do caminho que tinha tomado. Hum pouco ella parece mergulhar-se em huma nuvem aonde se perde, e logo occultar-se atraz de huma montanha, que a subtrahê á minha vista.

Cançado de contemplar este Phenomeno, eu dou ouvidos ao estrondo das ondas do mar, que vem rolando quebrar-se sobre as costas visinhas, ou espalhar-se pela praia; e se algum vento contrario não permite que eu ouça esse tumulto, eu considero lá ao longe varios fogos meio extintos, cujo sombrio luar parece formar outras nuvens.

Com tudo, duas sortes de inimigos ha para temer debaixo do teu Imperio, além da dissipação que causa a falsa alegria do seculo, eu quero dizer, os clamores importunos de hum coração

---

sobre a terra, e nos mesmos infernos, aonde ella tomava o nome de Hecate.

(3) Philomella, filha de Pandion, Rei de Athenas, e irmã de Progne, foi mudada em Rouxinol, pelo que diz a Fabula. A metamorphose he bastantemente conhecida.

ção inquieto, e os encantos somnolentos de hum estúpido enfado. Digna-te, séria Deosa, preservar-me desses espectros nocturnos; pois he preciso para isso, que á meia noite esteja a minha alampada accesa, e que retirado no meu gabinete, como no alto de hum pharo, eu preveja pelas minhas vigílias, a declinaçõ, e o deitar-se a Ursa. Lá debaixo da disciplina (4) de Hermes Trimigistro, e do divino Plataõ (5) eu entrarei com estes dous raros genios nas profundezas da natureza; e examinarei com elles aonde se achava a alma immortal, que me anima, antes que fosse uni-

(4) *Hermes Trimigistro*, Philosopho Egepcio, que fez florecer no Egypto os estudos da Philosophia. Elle reconheceo a hum Deos Creador, e condemnou como supersticioso o culto dos Idolos. Chamou-se Trimigistro, porque teve tres titulos de grandeza, a saber: grande Philosopho, grande Sacerdote, e grande Rei.

(5) *Plataõ*, Philosopho Atheniense, discipulo de Socrates. Elle estabeleceo, que as almas são em parte espirituaes, e em parte corporaes; e que unidas cada huma a seu Astro, que faz a sua felicidade, ellas descem abaixo para animar corpos; logo de homens, logo de brutos; e que finalmente ellas se reunirão outra vez aos mesmos Astros, a quem a sua felicidade está unida. Se Milton se tem conservado nesta opiniaõ de seu mestre sobre este artigo, elle tem casado muitas impertinencias, por não dizer mais.



unida ao meu corpo, e donde tem vindo esses (6) Demonios, que se achão espalhados por todos os quatro elementos, e que parece terem huma especie de (7) *sympathia* com os Planetas.

De outra sorte Melpomene, com os seus borzeguins soberbos, em roupa comprida, com o seu manto Real sobre os hombros, e com o sceptro na mão, me abrirá o Theatro de Athenas, e apresentando-me ou Thebas, ou Troya em espectáculo, ella mostrará aos meus olhos todos os catastrophes que ali se tem passado, e as desgraças da casa de Pelops, e me representará o triste fim dos heroes vencedores do Illium. Ella mesma tornará em meu favor a pôr sobre a scena o pe-

(6) *Demonios*, os Demonios de Plató são Deoses inferiores, e da segunda ordem. Elle faz delles os ministros, e os interpretes das Divindades superiores, habitadoras do Ceo. Conforme o que elle diz, esses Demonios são os que tem cuidado de tudo aquillo que se passa no mundo, cada hum na sua repartição; e leuão aos Deoses superiores as deprecações dos homens, e lhes trazem os seus dons, e graças

(7) *Sympathia com os Planetas*; Conforme as appatencias, esta pertendida *Sympathia* dos Demonios com Planetas, vem de que conforme este Philosopho, elles participão da natureza, e da divindade desses mesmos Planetas. Plató admite também Demonios de huma ordem inferior a estes, e os põe nas aguas, e na terra.

queno numero de peças modernas, que lhe tem feito honra, por quanto ha muito poucas deste character. Porém, ai de mim! he preciso, sabia Deosa, que tu não possas trazer á vida o terno (8) Musêo, nem tirar a Orpheo do Tartaro. Que encantos para mim, se eu tivesse a felicidade de ouvir tocar a este ultimo sobre a sua Lyra as mesmas árias, que enternecêrao antigamente o coração, até entao inflexivel, do negro Plutaó, e arrancárao dos seus olhos lagrimas de piedade. Qual foi a doce violencia, que fez ao tyranno Stygio, esse cantor de Thracia, quando o empenhou a restituir-lhe o objecto da sua ternura, que elle tinha ido procurar até os infernos? Ao menos, querida companheira, digna-te dar-me os preciosos restos da bella poesia, ou seja que embocando a trombeta, ella cante os heroes, os tropheos, e os torneios, ou seja que sobre hum amplo reclamo ella queira cantar os bosques, e os encadeamentos dos Pastores, ou que misturando o util ao agradável, ella dê saudaveis lições, que ella insinua no coração, lisongeando docemente os ouvidos. Muitas vezes a noite continuando a sua sombria carreira, me via conversar assim com as Musas, com quem eu ficava até o levantar da Aurora, cuja vista graciosa me recreava; e o Sol vindo depois a lançar os seus primeiros raios, á

---

(8) *Musêo*, Poeta antigo, discipulo, e filho putativo de Orpheo; ainda nos ficárao alguns fragmentos das suas poesias.



imitaçã do Deos (9) Sylvano, eu busco occultar-me em qualquer bosque debaixo de hum velho carvalho, a quem o machado tem poupado por respeito á Deidade que nelle reside; por quanto essas arvores antigas são monumentos veneraveis. Lá defendido do calor do dia, fóra da vista dos olhos profanos, eu descanso pelo longo de hum regato, cujo murmurio, junto ao zumbido das abelhas que andão errantes de flôres em flôres, para extrahirem dellas a sua ambrozia, convido o Somno, para que venha a mim. Elle vem com effeito (10) muito desgostoso da essencia da dormideira, trazendo os Sonhos sobre as suas azas. Á sua chegada eu fecho as pupillas, e em quanto aproveito cada instante da sua presença, mil fantasmas volteão á roda de mim, e me causão illusões; e quando acordo, eu não ouço senão concertos de todos os lados. Conforme as apparencias, o Genio dos bosques, ou qualquer outra Deidade propicia aos mortaes, dispõe assim as cousas em seu favor.

Naõ me resta mais, querida Deosa, do que  
pe-

---

(9) *Deos Sylvano*; Divindade fabulosa, que preside aos bosques, aos rebanhos, e aos limites dos campos. Representa-se com hum acypreste na mão.

(10) *Muito desgostoso da essencia da dormideira.* Milton representa o Somno perfumado dessa essencia, porque a dormideira tem a virtude de fazer dormir.

dir-vos sómente duas cousas, que são o poder eu frequentar os gabinetes dos curiosos, e de hir de huns tempos a outros, considerar esses Templos augustos, cujas abobadas parecem subir ás nuvens, e cujos pilares massiços, provaõ antiguidades; as suas vidraças preciosas não admittem mais que huma luz sombria, e que por isso inspiraõ hum religioso temor: Vidraças, cujas pinturas são como tantos fastos dos seculos passados, e o resumo dos Annaes do tempo antigo. Ah! a minha alma se arreata em extasis todas as vezes, que eu ahi ouço essa harmoniosa mistura de vozes, e de instrumentos de musica, que levaõ aos Céos as homenagens dos humanos. Finalmente na decadencia da idade, quando eu começar a correr debaixo do peso dos annos, com tanto que eu tenha o meu roupaõ bem forrado, e hum gabinete de verdura, aonde eu possa especular á minha vontade as estrellas do Firmamento, e considerar as plantas que se nutrem do succo da terra, até que huma experiencia consummada me tenha dado algum ar de Profeta; por este preço, sabia Melancolia, eu serei teu para sempre.

CAN-

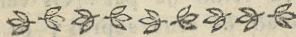




CANTICO  
DE  
MILTON,

SOBRE A FESTA DO NATAL,

TRADUZIDO  
DO INGLEZ.



**M**anoel apparece sobre a terta! Feliz inverno, tu o tens visto nascer. Cruel, adoça os teus rigores. Ai de mim! Este Deos menino, não tem mais, que huma mangedoura por berço. A natureza despojada dos ornamentos da sua alegria, sympathisa de alguma sorte com a nudeza do seu Senhor, que apenas o Sol se digna vê-la com alguma luz graciosa. Assim, triste Rei das geardas, o teu Reino não he para ella a Estação dos risos: Sómente o Aquilaón, a seus rogos, occulta a deformidade della debaixo da brancura das suas neves. Porém o Verbo feito carne, como Principe da paz, quer socegar os seus espantos. Por ordem desse Divino Infante, a anavel paz des.

desce lá do Céu Empyreo; eu a vejo vir, que rompê os arés com as suas azas de pomba, e se chega com huma corôa de oliveira na cabeça, e com hum myrtho celeste na mão. Já o mar, e a terra estão socegados. O estrôndo das armas já se não faz ouvir, os espantosos raios da guerra descansão nos seus arsenaes, aonde a lança, e os escudos ficão pendurados. O tambor, a trombeta, e o clarim já não animão os combatentes, para fazerem derramar o sangue dos inimigos, e os Reis cá deste mundo, em hum descanso respeitoso, parece que esperão o Soberano Pacificador.

Oh! qual foi o socego profundo dessa noite afortunada, durante a qual, o Desejado das Nações começou o seu reino de paz! Os ventos em admiração retiverão os seus sopros; os rios moderarão a impetuosidade das suas correntes, e correrão docemente para o Oceano, que deixou esquecer os seus furores para convidar os alcyões a fazerem os seus ninhos sobre as aguas. As estrellas encantadas parecêrão fixar-se, e voltavaõ todas as suas influencias para o mesmo lado. Em vão dá a Aurora aos Astros o sinal da retirada; porque elles estaveis, e fixos nos seus Orbes resplandecentes, recusarão desaparecer, até que a presença do seu Rei os fizesse eclipsar: e o mesmo Sol bem longe de apressar o seu curso, cobre a sua cabeça com huma nuvem, como que se o mundo não tivesse já mais precisaõ da sua luz.

Tropa simples, e grosseira, Pastores de Balem, unidos todos na planicie, durante esta uoite, em que a passaveis vós? Todos occupados no  
cui-



cuidado de vigiar pela guarda dos vossos rebanhos, vós não sonhaveis em nada menos, do que na vinda do Pastor Supremo; quando repentinamente tocados, e perturbados de huma luz subita, que se espalhava sobre o horizonte, vós ouvistes esses canticos de alegria, de que os vossos ouvidos, e corações forão encantados. Os Espiritos Celestes arranjados em bella ordem, pelo meio dos ares, com as azas abertas, e brilhantes, com hum esplendor divino, executárao esse alegre concerto á gloria de Manceb. Céu, que melodiosa harmonia! O ar multiplicou os seus eccos para fazer dobrar o seu prazer, e para prolongar os encantos delle. A natureza julgou que o Empyreo se unia com a terra, e a terra, apezar da sua enorme massa, parecia saltar de alegria. Ella não tinha jámais ouvido cousa semelhante, á excepção do nascimento do mundo, quando os filhos da luz celebrááo a Omnipotencia do Creador, que com huma só palavra tinha unido os Astros ao Firmamento, suspendido a terra no fluido, e encerrado as aguas nos seus canaes.

Enganar-me-hei eu? Abre o Céu as suas portas? A verdade, e a justiça coroadas com o Arco Iris tornaó a vir para entre os homens. Huma, e outra brilhaó com o mesmo esplendor, e a misericordia no meio dellas, traz a huma, e outra pela mão. Ellas descem juntas, trazidas sobre huma nuvem luminosa, que lhe serve ao mesmo tempo de throno, e de carro. Feliz alliança, chefe de obra da Sabedoria increada! mas que não faz senão começar. Ah! Quanto não custará ao throno, e precioso Infante, que tem nascido para a consummar! Nascido em hum curral, elle espirará

rá sobre huma Cruz: Cruel amor, a quantò o  
tens tu reduzido! Mas com tudo, lá do seu mes-  
mo berço elle faz tremer o inferno: já o Dragaõ  
do abysmo sente chegar-se a sua ruina, elle o  
sente, e treme de horror. Os Demonios assusta-  
dos fogem todos da sua vista: e desta sorte he  
que ao levantar do Sol as trévas se dissipão, e  
os animaes nocturnos se recolhem aos seus fortes,  
ou covis.

Acabemos os nossos cantos: A virgem Mãi,  
deixa descansar o seu filho, e a milicia do Eter-  
no lhe faz sua guarda á roda do berço: Dormi,  
cordeiro de Deos, dormi; porque vós tereis, ai  
de mim! pelo sequito dos tempos, tristes vigi-  
lias, que soffrer. Dormi; porque em quanto hum  
doce somno occupa os vossos sentidos adormeci-  
dos, o vosso coração vigia pela salvaçaõ do mun-  
do.

F I M.







# Apêndice:

## Respigar anglo-português do *Compendio Historico*, *e Universal* e do *Diccionario Philosophico da Religiaõ*

Para mais amplo conhecimento do trânsito de ideias entre Portugal e as Ilhas Britânicas – trate-se de verdadeiros saberes, trate-se de estereótipos e preconceitos contestáveis, ou ainda de referências superficiais e passageiras –, e bem assim para melhor caracterização do perfil intelectual de José Amaro da Silva e da mediação operada por obras de origem francesa sobre as quais trabalhou, reveste-se de interesse efetuar um levantamento dos dados constantes do *Compendio Historico, e Universal de Todas as Sciencias, e Artes* e do *Diccionario Philosophico da Religiaõ* por ele dados ao público leitor português.

1. Como ponto prévio, notemos que o *Compendio Historico, e Universal de Todas as Sciencias, e Artes* abre com uma advertência, presumivelmente da pena de José Amaro da Silva, que não esclarece cabalmente a questão da autoria da obra, ao que parece porque lhe era desconhecida, mencionando de forma inconclusiva “M. *Formey*, Conselheiro particular d’El-Rei de *Prussia*, e Secretario perpetuo da Academia Real de *Berlim*” (*Compendio*, 1817, p. III), ou seja, Johann Heinrich Samuel Formey; e que, em consonância com preceitos de utilidade e preocupações ideológicas de contornos conservadores que sabemos presidirem ao seu trabalho de tradutor e comentarista, faz a apologia dos conteúdos condensados na obra, seja para os leitores jovens, seja para aqueles que querem recuperar o tempo perdido, tecendo um argumento segundo o qual da “boa instrucção em geral” depende

o bem do Estado, e das famílias. Ninguem a pôde desprezar sem offender a sua honra, a sua consciencia, e sem arriscar o adiantamento, a reputaçãõ, e a felicidade dos póvos.

A boa educação he a que poem os fundamentos dos bons costumes, e os bons costumes saõ os que fazem a felicidade, e a segurança de qualquer Estado. (*ibidem*, p. VIII)

O *Compendio* é, de facto, uma sùmula de “boa instruçãõ em geral”. Com espírito de sistema, aborda as diversas religiões e a mitologia, a disciplina do pensar filosófico, as ciências da natureza, o Direito, a Medicina, a Retórica, a poesia e as suas espécies, a Matemática e os seus ramos, a Astrologia; ciências aplicadas como a Gnomónica, a Ótica e a Navegaçãõ; a História, a Geografia, o Desenho e a Pintura, a Escultura e a Arquitectura; as línguas, a escrita e a imprensa; a música, a dança, o comércio e a heráldica.

No que respeita a matérias britânicas, revela-se obra muito menos abundante do que aquela que veremos de seguida. Quase todas as referências são feitas de passagem. Em todo o caso, denotam o apreço em que eram tidas algumas personalidades. Milton ombréia com os poetas épicos mais célebres, num panteão que acolhe Homero, Virgílio, Lucano, Tasso, Camões e alguns outros, suscitando, contudo, certas reservas:

Os Inglezes elevaõ o *Paraiso Perdido*, deste Poeta, acima de todas as obras dos modernos; e o illustre Adisson o iguala a *Homero*, e a *Virgilio*: mas seja o que fôr, a respeito desses juizos, sempre he bastantemente estranho vêr a Deos no *Paraiso Perdido* sempre a combater com o Diabo; ouvir pronunciar a Satanaz Práticas eternas, acharem-se canhoens, e alfanges nas armadas infernaes, &c. (*ibidem*, p. 122)

É elogiado o polígrafo escocês George Buchanan, como o maior dos líricos modernos a escrever em latim, comparável aos autores do século de Augusto (*ibidem*, p. 126). Isaac Newton é referido como matemático, William Herschell e John Flamsteed como astrónomos (*ibidem*, pp. 139-140, 168-169). Roger Bacon figura como suposto inventor da bússola, honra que, porém, lhe seria disputada pelos franceses (*ibidem*, p. 195). John Wilkins é nomeado entre os autores que se têm ocupado da “chimera” da língua universal (*ibidem*, p. 370).

O *Compendio* não enjeita, ocasionalmente, o anedótico. Certa ideia da excentricidade inglesa parece plasmar-se na discussão da álgebra como ciência das probabilidades:

Os Inglezes pertendem, que he possivel avaliar a probabilidade do testemunho dos homens, calculando a diminuição da crença á medida, que ella se aparta do acontecimento; e M. *Craig*, Mathematico de Londres, quiz determinar o fim do mundo, computando, e calculando a diminuição dos grãos da Fé sobre o Nascimento, e a respeito dos milagres de Jesu Christo. (*ibidem*, p. 140)

Além de membro da Royal Society londrina, John Craig era clérigo anglicano. Talvez por isso não se coibisse Nonnotte de o tratar como figura risível.

Outrossim, ao destacar a relevância da pontuação, o autor põe uma pergunta e responde-lhe nos termos seguintes:

P. Podereis vós provar-nos por algum factó, que a má fé póde tirar alguma vantagem da *Pontuação*, que se deixa por omissaõ, ou que se falsifica?

R. Sim: conta-se, que o General *Fairfax*, em lugar d'assignar simplesmente a Sentença de morte de CARLOS I., Rei d'Inglaterra, pensára em tomar hum meio, para se desculpar, na necessidade daquillo, que lhe era odioso naquelle procedimento, e que tomára hum rodeio, que, bem considerado, não era menos, que outro crime. Elle escreveu sem *pontuação* por baixo da Sentença *si omnes consentiunt ego non dissentio*; reservando para si interpretar o seu voto, confórme a conjunctura, apontando-o assim, *si omnes consentiunt, ego non; dissentio*; em lugar de o apontar confórme o sentido natural, que logo se conhece, e que seguramente elle queria fazer entender naquelle momento; *si omnes consentiunt, ego non dissentio*. (*ibidem*, pp. 101-102)

Seja ou não autêntico o logro imputado a Thomas Fairfax, o factó é que o relato de tal episódio mantém viva a memória das convulsões sociopolíticas e ideológicas britânicas de meados do século XVII, às quais Milton não permaneceu alheio.

Como um todo, diz o autor, os Inglezes distinguem-se por se encontrarem entre “as Naçoens modernas, que entendem melhor o Commercio”, a par de Holandeses, Flamengos, Venezianos e Genoveses (*ibidem*, p. 402). Discutindo a influência do clima no carácter dos povos, dissipa a presunção de que as zonas húmidas e frias só podem gerar produtos grosseiros: “A *Inglaterra*, tão fertil em

Poetas, em Philosophos, e em Literarios de toda a especie, depoem claramente contra esta preocupação ridicula. O genio he para todos os climas" (*ibidem*, pp. XII-XIII). Noutro plano, a língua inglesa é reconhecida como uma das "Linguas principaes da Europa", juntamente com o francês, o alemão, o italiano e o espanhol. Do francês se diz ser a língua de "primorosas obras", tanto das ciências como das artes, e que por isso

parece ser o Idolo de todas as Naçoens, que não poupaõ cuidados alguns, nem trabalhos, nem gastos para adquirirem algum conhecimento della ao menos sufficiente para a leitura, e para a Sociedade. Alguns Escriptores, não obstante, reprovaõ nesta Lingua essa falta de harmonia imitativa, que mostra na composição hum calor animado.

O idioma inglês, por seu turno, "tem immensas riquezas em factos de Mathematicas; de Physica, e de Commercio" (*ibidem*, pp. 367-368).

O rol de referências do *Compendio* decorre essencialmente de leituras clássicas e centro-europeias, quer na esfera da literatura, quer no pensamento e nas ciências. Por esse motivo, e decerto, também, por ser obra de sistema, que não de polémica, a cultura das Ilhas Britânicas é-lhe relativamente indiferente. Veremos de seguida que o mesmo não se passa no *Diccionario Philosophico da Religiaõ*.

2. O *Diccionario Philosophico da Religiaõ*, no qual se estabelecem todos os pontos da mesma acommettidos pelos incredulos, e no qual se responde tambem a todas as suas objecções é, como o título indica, uma obra dedicada pelo Abade Claude-François Nonnotte a refutar as ideias do Iluminismo mais desassombrado ou, como prefere dizer o autor, a combater a "libertinagem do Espirito" e a "libertinagem do coração" (Nonnotte, 1819-20, Vol. I, pp. 23-26). Entre os principais inimigos da religião e da virtude encontram-se Bayle, Espinosa, Rousseau e – sobre todos – Voltaire, "Gram-Mestre da impiedade, e da incredulidade neste seculo" (*ibidem*, p. 73). Com efeito, é a Voltaire que o sacerdote dispensa os mais vivos epítetos, como o de "oraculo dos ímpios dos nossos dias" (*ibidem*, Vol. II, p. 190). À parte o cumular de vitupérios, de Voltaire são recorrentemente citados trechos, colhidos em várias obras, e sobretudo no *Dictionnaire philosophique, portatif*. Em larga medida, a obra do Abade Nonnotte é, assim, um *Dictionnaire* contra o *Dictionnaire*, opondo o verdadeiro espírito filosófico a um falso espírito filosófico (cf. *ibidem*, Vol. I, pp. 14-15, 20-21). Também Bayle, de resto, apodado



por Nonnotte de “Generalissimo dos incrédulos” (*ibidem*, Vol. III, p. 225), havia publicado um *Dictionnaire historique et critique*.

Naturalmente, nem todos os pensadores que associamos ao Iluminismo são objeto da discordância do autor. John Locke, com *An Essay Concerning Human Understanding*, é-lhe útil para sustentar a tese de que a matéria não pensa – logo, que é absolutamente distinta da alma ou do espírito, o que permite dar por infundado o “materialismo” voltairiano. Locke é enaltecido pela sua “exactidão, e clareza” (cf. *ibidem*, Vol. I, pp. 115-116; Vol. II, pp. 582-583, 615-616, 624).

O seu contemporâneo Thomas Hobbes tem fortuna muito diferente. Nonnotte tende a invocá-lo a pretexto do ateísmo e do relativismo moral (cf. *ibidem*, Vol. I, pp. 183, 229). A ateísmo associa fanatismo, nesse ponto citando Voltaire: se Hobbes teve vida sossegada e inocente, “[o]s fanaticos do seu tempo inundarão de sangue a Inglaterra, a Escóssia, e a Irlanda” (cf. *ibidem*, p. 227). À semelhança do episódio relatado acerca de Thomas Fairfax no *Compendio*, as referências a Hobbes, sejam elas mais ou menos rigorosas, trazem à colação as guerras civis britânicas e o Interregno do terço médio do século de Seiscentos. De resto, é notória a falta de rigor que faz Nonnotte articular os extremismos puritanos com o ateísmo.

Voltaire é veículo da difusão do pensamento de Hobbes: “No Dicionario Philosophico se acha hum artigo sobre o Destino, aonde o Escritor tem ajuntado, e copiado, muito exacta, e fielmente todas as extravagancias, que Hobbes tem publicado sobre este mesmo assumpto” (*ibidem*, Vol. II, p. 131).

Nonnotte derroga “[o] Systema de Pope, de Leibnitz, de Mallebranche, e de outros Optimistas, que pertendem que tudo seja bem”, como um sistema que é “mais engenhoso, do que solido” (*ibidem*, Vol. I, p. 272). É, a seu ver, uma mundividência que colide com o correto entendimento da divindade. No que respeita a Alexander Pope, em particular, podemos observar que parece desconhecer quanto a doutrina de *An Essay on Man* é devedora do pensamento de Henry St John, Visconde Bolingbroke.

A referência a Pope é passageira, mas Bolingbroke é um autor que Nonnotte foca com grande insistência, diríamos mesmo que em grau de atenção polémica apenas inferior ao de Voltaire e ao de Rousseau, no registo da contenda que lhes move. “Mylord Bolingbroke” encontra-se na fileira dos deístas (cf. *ibidem*, Vol. II, pp. 216, 243-246, 268-271). É um impugnador da canonicidade dos quatro Evangelhos, por alegar – com Du Marsais – haver muitos mais. Para além da questão dos apócrifos, refere Nonnotte com vivo repúdio, Bolingbroke acusa imprecisões e inverosimilhanças nos Evangelhos, querendo afetar a percepção da sua veracidade e da sua dignidade (cf. *ibidem*,

pp. 348-349, 368-374, 383-384, 386, 388; Vol. III, pp. 14-18, 25-26); e contesta, por outro lado, a autoridade de S. Pedro (cf. *ibidem*, pp. 409-411). Quanto a S. Paulo, não poupa o abade nos termos da pugna contra o pensador inglês, considerando-o ainda pior do que Voltaire:

O auctor do *Exame Importante*, e o do *Diccionario Philosophico*, observão igualmente o Apostolo S. Paulo; mas o seu modo de acometter he muito diferente. O Bolingbroke se porta como hum desesperado, que não conhece nem honestidade, nem decencia, e considerando-se como Mylord, se exprime com huma energia, que excede o mais eloquente mariola. (*ibidem*, p. 324)

As referências ao *Exame Importante*, assim formuladas, não podem deixar de suscitar alguma perplexidade. Nonnotte tem conhecimento de que a obra corre sob o nome de Bolingbroke, mas não lhe pertence, e, contudo, repete a atribuição, parecendo querer alimentar-se polemicamente desse equívoco (cf. *ibidem*, Vol. II, p. 334; Vol. IV, pp. 108-111, 119-122, 126-130, 565-567). Na realidade, trata-se de um dos mais ousados panfletos voltairianos, o *Examen important par Milord Bolingbroke*, onde a máscara do filósofo britânico visava resguardar Voltaire do inevitável opróbrio. O facto de o autor da obra *pretender ser inglês* serve a Nonnotte para o exautorar a pretexto da sua nacionalidade:

No mais, causa grande admiração, que hum chamado Inglez, faça semelhante reprehensão á Religião Christã; porque por todos os historiadores se acha muito bem provado, e attestado, que esse Reino, que nem será a vigesima parte da Europa tem dado este sómente da sua parte, em menos de hum seculo, desde as famosas facções dos Yorcks, e dos Lencastres vinte vezes maiores, e mais exemplos desses desenthronisamentos, assassinatos, e proscricções, do que quanto se poderia metter sobre a conta da Religião, por todo o espaço de dezoito seculos inteiros. (*ibidem*, pp. 129-130)

A amálgama do pensamento do aristocrata exilado com o de um autor francês que Nonnotte nunca identifica reflete-se na semi-honestidade do índice das matérias que conclui os volumes, onde Bolingbroke – ou o pseudo-Bolingbroke – é descrito do seguinte modo: “O pertendido Mylord Bolingbroke, he hum auctor Parisiense muito conhecido”, fazendo-se remissão, nesse mesmo local, para “[a]s suas extravagancias dignas de compaixão, e as suas blasfêmias horripáveis contra a Pessoa de Jesu Christo” (*ibidem*, p. 586).

As ciências físicas e matemáticas não se encontram no centro da atenção de Nonnotte. Não obstante, Newton é mencionado no *Diccionario* como grande homem de ciência, com Descartes, Copérnico e Kepler (cf. *ibidem*, Vol. I, p. 407; Vol. II, p. 584). Já em discussão de teor distinto se conta Newton entre aqueles que discorreram erroneamente sobre os mistérios da religião, de parceria com Malebranche e Descartes, mas também Demócrito, Anaxágoras, Platão e outros (cf. *ibidem*, Vol. III, pp. 187-188). Não obstante, é reconhecido que o cientista inglês forneceu provas da existência de Deus (cf. *ibidem*, Vol. IV, p. 422).

Num passo em que se pergunta “Que he o que tem produzido este bello seculo de luzes?”, Nonnotte discorre, com certa ironia: “Tem elle por ventura dado alguns genios como os Aristoteles, os Descartes, e os Newtons, para a Philosophia? [...] Como os Miltões, e como os Tassos, para a Poezia épica?” (*ibidem*, Vol. III, p. 485).

Por duas vezes alude Nonnotte à “historia dos Judeos”, em rigor *Old and New Testament Connected*, do hebraísta Humphrey Prideaux, como obra de autoridade (cf. *ibidem*, Vol. I, p. 149; Vol. II, p. 80). Nada lhe parece importar que se trate, como sublinha, de um deão da Igreja Anglicana.

Na economia da obra, pesa muito mais o empenho em refutar o ateísmo e o deísmo, exaltando a verdade e a glória da fé cristã, do que tomar nota da cisão entre Católicos e Protestantes. Ao passar em revista o estado da Igreja Católica no plano internacional, aliás, o autor faz questão de salientar: “Em Inglaterra ha um grandissimo número de Catholicos, porque sómente na Cidade de Londres, se contaõ pouco mais ou menos alguns cem mil: mais de ametade da Irlanda he de Catholicos Romanos: e ha tambem hum grande numero delles na Escossia”. Acrescenta que nas “antigas possessões Inglezas na America [...] ainda hoje ha um grande número de Catholicos Romanos” (*ibidem*, Vol. I, pp. 568-569), embora não deixem de constituir uma minoria.

A problemática histórico-política britânica não é esquecida, como pôde verificar-se acima. Voltaire é, uma vez mais, um adversário a ter em conta, num trecho que se reporta ao período Tudor e aos autores que, contemporânea ou posteriormente, o historiaram:

A famosa Rainha Isabel de Inglaterra aborrecia tanto a Catholicidade, como Juliano aborrecia o Christianismo; e ella o perseguio como Juliano. Candem, historiador desta Rainha, e o sabio Escripitor o Senhor Hume, referem as cruéis leis, que ella fez contra os Catholicos; e o grande número delles que morrêra nos tormentos, e nos supplicios, a que ella os fazia condemnar.

Mas com tudo, escutemos a Voltaire. Aquelle, que nos pinta como hum tyranno sombrio, e socegado, a Maria de Inglaterra, que queria restabelecer a Religiaõ Catholica, esse mesmo faz os maiores elogios á Sabedoria de Isabel, que não perdoou a nada para a exterminar. “Ninguem, diz elle, foi perseguido, por ser Catholico; porém aquelles que pretendêraõ turbar o Estado por principios de consciencia, foraõ sevêramente castigados; e he certo, que Isabel não foi sanguinaria com os Catholicos do seu Reino, assim como Maria tinha sido com os Protestantes.” (*ibidem*, Vol. III, pp. 441-442)

A fonte voltairiana, aqui, é o *Essay sur l'histoire générale, et sur les moeurs et l'esprit des Nations, depuis Charlemagne jusqu'à nos jours*, como se indica à margem do texto. Estando em causa contrapor a conduta política das duas filhas de Henrique VIII em detrimento de Isabel I, não se incomoda Nonnotte em avocar os testemunhos de um protestante como William Camden e de um ateu como David Hume.

Oliver Cromwell é mencionado na discussão da eternidade das penas, alçado à condição de tipo: “Os Tiberios, os Neros, os Cromweis, os mais horriveis monstros da crueldade, do vicio, e dos roubos, serãõ entãõ deixados, pelos males, que as suas paixões lhe terãõ causado neste mundo?” (*ibidem*, Vol. II, p. 318). A propósito, justamente, dos efeitos das paixões é Cromwell de novo evocado, com outros ambiciosos crudelíssimos, como Alexandre, Mário e César. Cromwell “conduzi[u] o seu Rei para o cadafalso”, tal como os lorque e os Lencastre fizeram “morrer em poucos annos mais de oitenta Principes do sangue real” (*ibidem*, Vol. III, pp. 299-300). Noutro contexto, Nonnotte observa ainda: “Naõ ha Naçaõ, nem Imperio algum, que naõ tenha experimentado revoluções funestas, e humiliantes. A Inglaterra, tem tido o seu Cromwel; a França, a sua Fredegonda; e a Hespanha o seu Conde Juliaõ” (*ibidem*, p. 415). Cromwell corresponde ao tipo do sanguinário e do traidor.



Num trajeto que se estende entre “Alma” e “Virtude”, Nonnotte dedica verbetes do *Diccionario* aos temas “Paraizo Terrestre” e “Peccado Original”. O primeiro centra-se no problema da localização do Éden, que ficaria na Babilónia. O segundo demora-se na heurística das Escrituras e em questões teológicas. Fica desenganado o leitor que esperasse ter Nonnotte feito referência à epopeia miltoniana – ou tê-la José Amaro da Silva aditado.



# Obras citadas

Campbell, Gordon (2004). "Milton, John". In *Oxford Dictionary of National Biography*. Ed. H. C. G. Matthew and Brian Harrison. Oxford: Oxford University Press, Vol. XXXVIII, pp. 333-349.

*Compendio Historico, e Universal de Todas as Sciencias, e Artes, em dialogo por perguntas, e respostas, para uso dos curiosos; traduzido em vulgar pelo Padre José Amaro da Silva, Presbytero Secular do Habito de S. Pedro, e natural da Villa de Guimaraens. Nova edição com varias notas historicas interessantes, e curiosas* (1817). Porto: Na Typ. da Viuva Alvarez Ribeiro, e Filhos.

Costa, Fernanda Gil (1995). "Salomão Gessner – Um Episódio Português. A Propósito das Traduções dos Idílios de Gessner em Portugal". *Dedalus*, 5, 185-203.

"Edital da Real Meza Censoria" (1770). [Lisboa]: s.n.

Flor, João Almeida (2009). "*Hamlet* (1887): Tradução Portuguesa de um Caso Patológico". In *Shakespeare entre nós*. Org. Maria Helena Serôdio, João de Almeida Flor, Alexandra Assis Rosa, Rita Queiroz de Barros e Paulo Eduardo Carvalho. S.l.: Húmus, pp. 184-201.

Gesnér (1785). *A Morte de Abel. Poema Epico. Em Cinco Cantos. Traduzido da Lingua Aleman de M. Gesnér, na Lingua Franceza, por M. Hubér, e agora novamente da Franceza para a Portugueza, pelo P. Jozé Amaro da Silva, Presbytero vimaranense*. Porto: Na Officina, que foi de Antonio Alvarez Ribeiro Guimaraens.

Jacob, Margaret C. (2019). *The Secular Enlightenment*. Princeton: Princeton University Press.

Milton, John (1730). *Le Paradis Reconquis. Traduit de l'Anglois, de Milton, avec quelques autres pieces de poesies*. A la Haye: Chez M. G. Merville & J. Vander Kloot, Libraires.

— 1789). *Paraiso Perdido, Poema Heróico de J. Milton; traduzido em vulgar pelo Padre José Amaro da Silva, presbitero vimaranense. Com o Paraiso Restaurado, poema do mesmo author; notas historicas, mythologicas, &c. de M. Racine; e as observações de M. Addisson sobre o Paraiso Perdido*. Lisboa: Na Typografia Rollandiana, 2 vols.

— (1819). *Obras de Milton, traduzidas pelo Padre José Amaro da Silva*. Lisboa: Na Typografia Rollandiana.

— (1823). *O Paraiso Perdido. Poema epico, de João Milton, traduzido em verso portuguez por Francisco Bento Maria Targini, Visconde de São Lourenço, do Concelho de Sua Magestade Fidelissima, e do da sua Real Fazenda, Commendador das Ordens Militares de Christo, e da Conceição, etc. Com as reflexoens, e notas do traductor*. Pariz: Na Typographia de Firmino Didot, 2 vols.

— (1884). *O Paraiso Perdido. Poema Epico em Doze Cantos. Com illustrações de Gustavo Doré. Tradução em Verso Portuguez pelo Dr. Antonio José de Lima Leitão. Revista, prefaciada, annotada e ampliada com a biographia do poeta e a analyse do poema, por Xavier da Cunha*. Lisboa: David Corazzi – Editor / Empresa Horas Romanticas.

— (1987). *L'Allegro, Il Penseroso*. Tradução, introdução e notas de Manuel Frias Martins. Lisboa: Editorial Inquérito.

— (1992). *Poetical Works*. Ed. Douglas Bush. Oxford: Oxford University Press [1966].

Moser, Fernando de Mello (1994). "Milton em Portugal. As Traduções do Padre José Amaro da Silva". In *Discurso Inacabado. Ensaios de Cultura Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 335-342 [1981-82].

Nonnotte, Claude-François (1819-20). *Diccionario Philosophico da Religiaõ, no qual se estabelecem todos os pontos da mesma acommettidos pelos incredulos, e no qual se responde tambem a todas as suas objecções. Nova ediçaõ mais correcta, e augmentada com muitos pedaços interessantes, pelo Abbade Nonnotte. Traduzido da lingua franceza para a portugueza, pelo Padre José Amaro da Silva, presbytero do habito de S. Pedro, e natural da villa de Guimarães*. Lisboa: Na Typografia Rollandiana, 4 vols.

Silva, Jorge Bastos da (2005). *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, Problemas, Interpretações*. Porto: Campo das Letras.

— (2014). "Milton e Pope em Portugal: As Traduções de F. B. M. Targini e o Contexto da Crítica". In *Tradução e Cultura Literária. Ensaios sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa / Edições Afrontamento, pp. 95-128.

— (2015). *O Discurso sobre a Tradução na Literatura Portuguesa (Classicismo e Romantismo) – Antologia*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa / Edições Afrontamento.

— (2018). "John Milton e a Liberdade de Imprensa no Liberalismo Português". In *Anglolutofilia. Alguns Trânsitos Literários*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa / Edições Afrontamento, pp. 41-54.

— (2019). "From Portuguese to Iberian Milton? A Selection of Facts and Questions". *Milton Studies*, 61 (1), 86-110.

Worden, Blair (2002). *Roundhead Reputations: The English Civil Wars and the Passions of Posterity*. London: Penguin [2001].









